

DANIELA PEREIRA DE MORAES



1290000263



FE

TCC/UNICAMP M791L

**"LUDUS"**

**O Teatro de Bonecos em Sala de  
Aula**



**Campinas, 2002.**

DANIELA PEREIRA DE MORAES

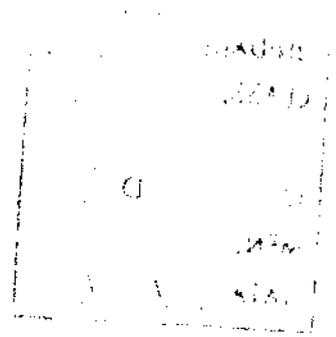
**"LUDUS"**

**O Teatro de Bonecos em Sala  
de Aula**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência  
parcial para o curso de Pedagogia  
da Faculdade de Educação,  
UNICAMP, sob a Orientação  
Prof. Dr. Guilherme do Val  
Toledo Prado.

**Campinas, 2002.**

# FOLHA DE APROVAÇÃO



---

GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

Orientador

---

ROSELI AP. CAÇÃO FONTANA

Segundo Leitor

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	TCC-UNICAMP
	M791L
VIA	
TOMBO	263
PROJ	124/2003
C	✓
PREF	11/00
DATA	06/11/03
Nº CPD	Publ. n.º 3003 04

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Moraes, Daniela Pereira de.  
M791L "Ludus" : o teatro de bonecos em sala de aula / Daniela Pereira de Moraes. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Teatro de bonecos. 2. Lúdico. 3. Sensibilidade. 4. Imaginação. 5. Jogos. 6. Arte e educação. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-0138-BFE

Aos meus pais, Maria da Conceição Pereira de Moraes e Antônio Carlos R. de Moraes;

Aos meus irmão, Laís e Leandro;

Ao Max;

À amiga e companheira de trabalho Lucimar

Obrigada por fazerem parte de uma caminhada por um

*"horizonte de possíveis"*

Agradeço a amiga e professora Vanessa Fiori, ajudando-nos a fazer ARTE.

Agradeço ao Guilherme pela atenção, pela contribuição e realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

Apresentação.....	2
1 - Por que Trabalhar o Teatro em Sala de Aula ?.....	4
1.1 - Primeira Proposta de Trabalho .....	6
1.2 - Pensando a Primeira Proposta em Sala de Aula.....	9
2 - "Mãos à Obra".....	13
3 - Novo Trabalho, Novas Idéias.....	24
4 - As Dificuldades no Contexto Político, Social e Cultural.....	31
5 - Considerações Finais.....	37
Referência Bibliográfica.....	41
Anexos.....	44
Histórias Produzidas pelos Alunos da Quarta Série do Ensino Fundamental da Escola EMPG Benevenuto F. Torres.....	45
Fotografias do Trabalho com Teatro de Bonecos dos Alunos da Quarta Série do Ensino Fundamental da Escola EMPG Benevenuto F. Torres.....	54
Histórias Produzidas pelos Alunos da Terceira Série do Ensino Fundamental da Escola EMPG Clotilde Barraquete.....	58
Alguns Jogos e Brincadeiras Trabalhados com Alunos da Terceira Série da Escola EMPG Prof. <sup>a</sup> Clotilde Barraquete.....	61

## **Apresentação**

Vivenciar a sensibilidade, a imaginação, a emoção dentro da sala de aula.. Uma das nossas buscas com o trabalho de teatro de bonecos com alunos de 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> séries do ensino fundamental.

Este é um relato dos porquês do trabalho com teatro em sala de aula. Um relato da relação humana, da conscientização da importância da relação de grupo que o trabalho pode propiciar.

Para entendermos a relevância desta vivencia em sala de aula, discuto aqui, uma primeira proposta elaborada por mim e pela minha companheira de trabalho, Lucimar dos Santos. Discuto aqui, a proposta em prática, as dificuldades, a superação e reflexão do primeiro trabalho em sala de aula, para a empreitada de um novo trabalho com novas idéias.

O processo de elaboração, as dificuldades são, também, vistos aqui, dentro de uma discussão no contexto político, social e cultural.

Este trabalho é um convite ao desafio de trazer para sala de aula a emoção, o prazer, a imaginação. Teatro de Bonecos, relatos dos riscos, dificuldades e construção da importância do lúdico em sala de aula. Teatro de Bonecos - fazer arte, em todos os sentidos; construir novo conhecimento.

*"Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando - a da sua capacidade de construir conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e não posso comer ou dormir por alguém... Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada e sim VIDA, aqui e agora". ( FREIRE, M., 1983.p.15 )*

**1**

**Por que trabalhar o teatro em sala de aula?**

## 1 - Por que trabalhar o teatro em sala de aula?

Teatro é algo que sempre esteve presente na minha vida. Comecei a trabalhar em um grupo teatral de Campinas por volta de 10/11 anos. Ao cursar a disciplina de Estágio Supervisionado, ministrada pelo professor Guilherme do Val Toledo Prado, surgiu a oportunidade de, junto com minha amiga de turma, Lucimar dos Santos, trabalhar com algo que sempre gostei, mas que ainda não tinha tido a oportunidade de fazê-lo, teatro de bonecos em sala de aula com alunos, cujo contato com o teatro era pouco ou nenhum.

O teatro é algo distante na vida da maioria dos alunos com quem trabalhamos, seja pela falta de oportunidade, seja pela falta de conhecimento, interesse, ou mesmo, falta de ousadia dos profissionais da área em estar levando o teatro para a escola pública. Nosso desafio, meu e de Lucimar; teatro em sala de aula. Por que não levar? Um teatro, como diz Boal (BOAL, 1988.p. 09), capaz de *"libertar o espectador da sua passividade, da sua condição de testemunha"*. Nosso trabalho também teve como pretensão tornar os alunos seres ativos, protagonistas do *"fenômeno teatral"*( BOAL, 1988 p.09), podendo adentrar, conhecer algo que, para eles, parece distante. Queríamos trazer a criança à participação do espetáculo, *"dando vazão às suas potencialidades criativas e intelectuais"*( ABRAMOVICH, 1983.p.106 ).

A relação humana que o trabalho com teatro propicia é muito forte, por ser um trabalho que depende, exclusivamente, do grupo. Percebo, hoje, que as brigas, os conflitos foram de extrema necessidade para que os alunos pudessem aprender um pouco mais a respeito da importância das várias opiniões para se estabelecer o trabalho. O teatro instiga o aluno a expressar o desejo de expressão. Por isso as brigas eram, na verdade, tentativa de articularem diálogo, do aluno se fazer entender. Estavam aprendendo que, para se fazer entender, também tinham que saber escutar. Se não estavam acostumados a trabalharem em grupo, observei que, com os conflitos entre eles, estavam aprendendo. Diálogo é prática.

Ao iniciar este trabalho com as crianças, elaboramos a nossa proposta de trabalho. Pensando hoje na primeira proposta com teatro de bonecos, sinto-me um pouco frustrada. Frustrada por não ter abordado uma série de outras questões (explicitadas no subitem 1.2 ). Frustrada por me ver encurralada diante a necessidade de uma explicação racional, didática, para o brincar, para a emoção em sala de aula.

Essa minha busca pela racionalização do trabalho com o teatro de bonecos acabou, "inconscientemente", fazendo parte da proposta formulada para um primeiro trabalho. Na verdade o que estava sendo feito era reprodução de discursos, não havendo parada para pensar nos reais significados de algumas coisas que estavam sendo escritas. Antes de colocar aqui o que foi repensado, com relação a primeira proposta, cabe descrevê-la.

## **1.1 PRIMEIRA PROPOSTA DE TRABALHO**

Conversando com Vanessa , colega de sala de aula, a respeito do Estágio Supervisionado, eu e Lucimar vimos a possibilidade de trabalharmos com ela, na escola em que leciona ( Quarta série da escola EMPG Professor Benevenuto F. Torres ).

A Vanessa disse estar trabalhando um projeto a respeito do folclore. Perguntamos se seria interessante engajarmo-nos nesse projeto com ela. Vanessa nos falou da necessidade que os alunos têm em trabalhar a área artística, esta que não é explorada o suficiente pela professora desta matéria, área que eles têm grande interesse, interesse, principalmente, em trabalhar com o teatro. Vanessa, disse não ver problema algum em trabalharmos outro projeto com os alunos.

Surgiu, então, a idéia de trabalharmos com teatro de bonecos. Poderíamos, assim, trabalhar com a área artística, na confecção dos bonecos; a matemática, por que não ? Irão se deparar com noções de tamanho, na confecção do cenário, proporcional ao tamanho dos bonecos; geografia, trabalhando com o espaço de atuação dos bonecos; literatura; interpretação, já que, a princípio, pensamos em deixá-los montar suas próprias histórias, o que não impede um trabalho com livros infantis. Também poderiam estar trabalhando o folclore, montando histórias e personagens folclóricos, podendo aí articular o nosso projeto com o da Vanessa.

Pensamos em alguns passos para o desenvolvimento da proposta de trabalho com teatro de bonecos :

Em um primeiro momento, pensamos em fazer alguns personagens, montar uma história e representar para classe. A partir deste primeiro contato com os bonecos, proporíamos para que eles construíssem seus próprios personagens e que escrevessem qual o nome dado ao boneco, como ele é ? o que ele faz ?

Em um segundo momento, pediríamos que montassem duplas, construindo uma história com os bonecos, organizando situações, falas ...

Em um terceiro momento, formariam um grupo de quatro pessoas, ajuntando duas duplas, para a construção do teatro, pensando na história, cenário, entre outros elementos.

Quarto momento, apresentação dos teatros. A socialização das histórias poderá ser feita em um dia marcado para a apresentação dos grupos.

Leda V. Tfouni ( 1995 ), diz que a alfabetização não é algo que chega a um fim, é processo, portanto, estamos, constantemente, aprendendo a ler e a escrever de outras formas, e essas outras formas de leitura e de escrita podem ajudar a desenvolver a criatividade, ajudar na busca de significado, podendo auxiliar no ato de ler e escrever um texto não o tornando tão mecânico.

Ressaltamos, portanto, que esse auxílio, que o trabalho com o teatro pode trazer não é única finalidade. Trabalhar o teatro é também trabalhar a subjetividade, seu valor enquanto arte. É a expressão de sentimentos, é a expressão da maneira com que o “artista” vê o mundo e a maneira com que o público vê o mundo recriado pelo artista através da sua visão de mundo.

Portanto, escrever não é somente reproduzir os traços da escrita, assim como ler não se refere apenas a compreensão de letras, palavras. Se admitirmos que há diferentes formas de leitura e escrita, como uma imagem, como uma representação (teatro, dança, etc.), entre outras, a escrita e a leitura das letras, das palavras não são fundamentais, ou melhor, únicos no que diz respeito a alfabetização. O que queremos dizer é que também podemos ler, por exemplo, uma imagem, uma representação e dela tirar vários significados, e, como forma de leitura, a representação também é escrita.

Se, então, entendermos alfabetização também *“como um processo de representação de objetos diversos de naturezas diferentes”* ( TFOUNI, 1995.p.14 ), o teatro pode sim ser uma linguagem que podemos representar através da leitura que fazemos de um texto, de um fato, de uma história, de nossas vivências. Essa leitura será, neste trabalho, representada através do domínio do corpo, da “habilidade” com as mão, observando quais movimentos dão maior expressão ao personagem que, com uma carga de significados, emoções, chegam ao público e este fará a sua leitura da representação que vê. *“Os gestos são a escrita no ar “* ( VYGOSTSKY, 1993.p.121 ), escrita que pode ser lida de formas diversas por pessoas diversas.

Assim como para Vygostsky a criança representa simbolicamente os objetos, *“sob o impacto do novo significado adquirido, modifica-se a estrutura corriqueira do objeto”*

( VYGOSTSKY, 1993.p.124 ), no teatro, de certa forma, também há uma representação simbólica, representação, através de movimentos que para os alunos tornam-se significativos e que faz com que sintam o que a história passou, portanto é mais que representação, é abstração, é explorar o espaço, explorar o corpo, é criação, é brincadeira de faz de conta. A interação do aluno com o brincar, com todas as formas de explorar as atividades ligadas ao teatro de bonecos pode ser algo instigante.

*“O fator determinante da aprendizagem é a atividade do próprio aprendiz, ou seja, na idéia da interação do sujeito com o objeto de conhecimento – interação esta em que o professor vai desempenhar um papel menos relevante do que lhe destinava o ensino tradicional, uma vez que não lhe cabe mais ensinar, mas criar um ambiente alfabetizador”.*  
( VYGOSTSKY, 1993.p.125 )

A proposta de trabalhar o teatro pode criar não só um ambiente de ensino, por que não ? Como também um ambiente alfabetizador. Coloca-se uma imagem, um fato, uma história, ... Faz-se uma leitura de uma destas propostas e trabalha-se na linguagem do teatro. Aprender abstrair a leitura e transforma-la em movimentos, falas, objetos. Recriar a sua história através das diferentes leituras em aula, *“algo a ser produzido, construído pelo aprendiz enquanto sujeito e não objeto do processo de aprendizagem”* ( Weisz in Klein, 1996.p.94 ). De uma imagem, por exemplo, pode suscitar várias questões, que o/a professor/a poderia estar esclarecendo, e/ou promovendo um debate a respeito dos assuntos surgidos.

Concordando com Klein ( 1996 ), o aprendiz é sim sujeito do conhecimento, mas não está sozinho, é sujeito junto com outros sujeitos sociais, há trocas de experiências, de conhecimentos, de leituras, produzem e transmitem o uso da língua falada, escrita, seja em textos, fatos, imagens, ou outros, por isso a importância de trabalharem em grupos.

## **1.2 PENSANDO A PRIMEIRA PROPOSTA EM SALA DE AULA**

O que vejo, em algumas colocações feitas na proposta descrita no subitem 1.1, é um sentimento de busca de justificativas para lidar com a diversão, com brincadeiras

em sala de aula. Na verdade, vejo que este trabalho com teatro de bonecos não precisa de uma justificação didática na busca racional da sua eficiência.

Foi por um sentimento de angústia, por um sentimento de aprisionamento de mim por mim mesma que fui chamada a repensar o que escrevi na primeira proposta e qual o verdadeiro significado de tudo o que estava escrevendo. Acho que não me dei a liberdade no pensar, no escrever.

Na primeira proposta não foi deixado realmente claro quais os reais objetivos do trabalho, talvez porque nem nós tínhamos claro quais eram esses reais objetivos. Entrando em contato com a obra de Porcher ( 1982 ), vejo que este trabalho não pode virar uma adequação didática, gramatical, disciplinadora, enfim, muleta para trabalhar qualquer disciplina. A arte tem seus próprios valores. Ao trabalhar o teatro, ou qualquer atividade que coloque o aluno em atividade, brincadeiras, jogos corporais, dramáticos etc., muitas vezes achamos que, por ser divertimento, não cabe dentro da escola, e de certa forma achamos muletas para justificar o prazer em se estar brincando, lidando com outra forma de linguagem que a escola acaba por deixar de lado. A arte tem sim seus valores. Estou descobrindo um pouco mais desses valores nas leituras que faço. Trabalhar neste projeto não é ver o teatro apenas enquanto bem cultural, mas também enquanto prazer.

O que tenho observado, desde a época em que cursava as séries iniciais do ensino fundamental, antes chamado de primeiro grau, é que os professores, a “escola”, ao se deparar com o divertimento, o prazer, a descontração dos alunos, envolvidos em certas atividades, acaba por não aceitar tal envolvimento como importante na formação do cidadão. Tudo é feito de forma que as coisas, matérias, estudos se encaixem em uma organização metódica do conhecimento. Se optamos por trabalhar o teatro, por exemplo, creio que essa importância dada ao método, à sua eficácia no ato de ensinar, não cabe nesse momento.

Se fizéssemos do teatro uma adequação didática, gramatical, disciplinadora, esse trabalho seria visto como algo “massacrante” para os alunos, *“algo extremamente desagradável, incapaz de provocar contentamento e, mesmo, cansativo”* (BRECHT, 1967.p.98). Mergulhar no trabalho com teatro é entrarmos em um mundo de imaginação, emoção e desejos.

Não descarto aqui que esse trabalho com teatro de bonecos possa proporcionar o maior aprendizado para o conhecimento de outras disciplinas, ele poderá ou não acontecer, porém a sua função essencial é estimular, permitir a fantasia, o teatro

enquanto prazer, para elevação espiritual, ou mesmo para ampliar os conhecimentos, o desejo de aprender algo novo.

*"O desejo de aprender depende, assim, de várias coisas e, portanto, existe a possibilidade de aprender com gosto, alegria e luta.*

*Se não houvesse essa possibilidade de aprender divertindo-se, o teatro, por sua própria estrutura, não estaria em condições de ensinar."* (BRECHT, 1967.p.99)

A liberdade em poder estar interpretando as diversas realidades é algo mágico. Estamos, também, experimentando a possibilidade de mudar o destino, mostrando diferentes perspectivas de ver, sentir a realidade.

O olhar poético da realidade também faz parte da formação dos nossos alunos, a ponto de que a escola possa ser também um local em que haja poesia. Falando em poesia, lembro - me agora da amiga Gabriela Copolla que, em uma aula de Fundamentos da Alfabetização, escreveu na lousa um poema de Carlos Drummond de Andrade. Ele talvez possa falar um pouco sobre o que penso, o que sinto neste momento :

**LEMBRETE**

*Se procurar bem, você acaba encontrando  
Não a explicação ( duvidosa ) da vida  
Mas a poesia ( inexplicável ) da vida.*

Acho que essa "*poesia ( inexplicável ) da vida*" que gostaria de encontrar na escola. Acredito que haja diversas maneiras de encontrá - la, o teatro pode ser uma dessas maneiras.

A redução da verdadeira convivência com as artes não deixa de ser um controle dos nossos desejos. Na sala de aula também há a possibilidade do prazer, da criatividade. É criando e recriando que o ser humano é capaz de "*superar os fatores que o fazem acomodado e ajustado*" ( FREIRE, 1983.P.43 ). Aprendi que ao controlarmos os desejos de nossos alunos, dificilmente podemos falar em mudanças, já que está intimamente ligada aos nossos sonhos. Como desejamos mudar uma realidade sem sonharmos com outra? Desejos, sonhos, também construímos fazendo teatro, abstraímos dele fantasias, visões de outras realidades.

Em uma aula da disciplina Literatura e Educação, o professor Ezequiel escreveu a seguinte frase na lousa :

*“A literatura não apenas expressa a realidade, mas mostra como a realidade pode ser de outra maneira”* ( Nestor Canclini ).

Trabalhar a arte, o teatro mais precisamente, de alguma forma, também é trabalhar com diferentes perspectivas para ver, sentir a realidade. Lidar com personagens que estão no nosso imaginário, fantasiar, imaginar uma outra vida, uma outra realidade. Tudo isso não deixa de ser sentimentos de transformação. Transformar é ato político, por isso

*“todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas”*. ( BOAL, 1983.p.13 )

Ver o aluno como pessoa inteira, dotada de afetividade, percepções, expressão, crítica, criatividade, é algo que a escola, por vezes, deixa de lado, acabando por diminuir o lado emocional, poético da nossa vida. A maioria dos fatos já chega, aos alunos, interpretados. Reinterpretar um acontecimento, um fato, seja através de gestos, falas, música é mostrar que há várias áreas de expressão como bem diz Peter Slaide ( SLAIDE, 1988.p.91 ).

Ou como diz Porcher, colocar a criança em contato com diferentes linguagens, já que estão inseridas em um mundo com expressões diversificadas, é despertar o prazer em estar criando, fazendo, mudando. A arte não é *“marca registrada da elite”* (PORCHER, 1982 p.13), é preciso dar acesso a ela, *“precisa ser sentida, experimentada”* ( PORCHER, 1982 p.14). Sensibilidade, talento, inspiração não são coisas inatas, vão sendo formadas, construídas, adquiridas.

Quando falo da importância em se trabalhar o lado emocional no teatro, não estou desprezando o racional, muito pelo contrário, acredito no equilíbrio, razão e emoção caminhando juntos. O que precisa é haver um certo cuidado, já que estamos acostumados a valorizar na escola a racionalidade, esquecendo que a afetividade, a fantasia, a imaginação fazem parte da nossa vida, *“o importante é que os dois planos se completem mutuamente”*( PORCHER, 1982 p.22 ).

Como disse no começo deste texto, senti-me por vezes frustrada ao pensar o primeiro trabalho com teatro de bonecos. Mas também incentivada em poder dar continuidade a um trabalho, repensando e reelaborando algumas situações nas quais “pecamos” por não as abordar no trabalho com os alunos. Não sabíamos como lidar

com a dificuldade dos alunos em trabalharem em grupo. Na verdade, achamos que um semestre foi pouco para o que foi planejado.

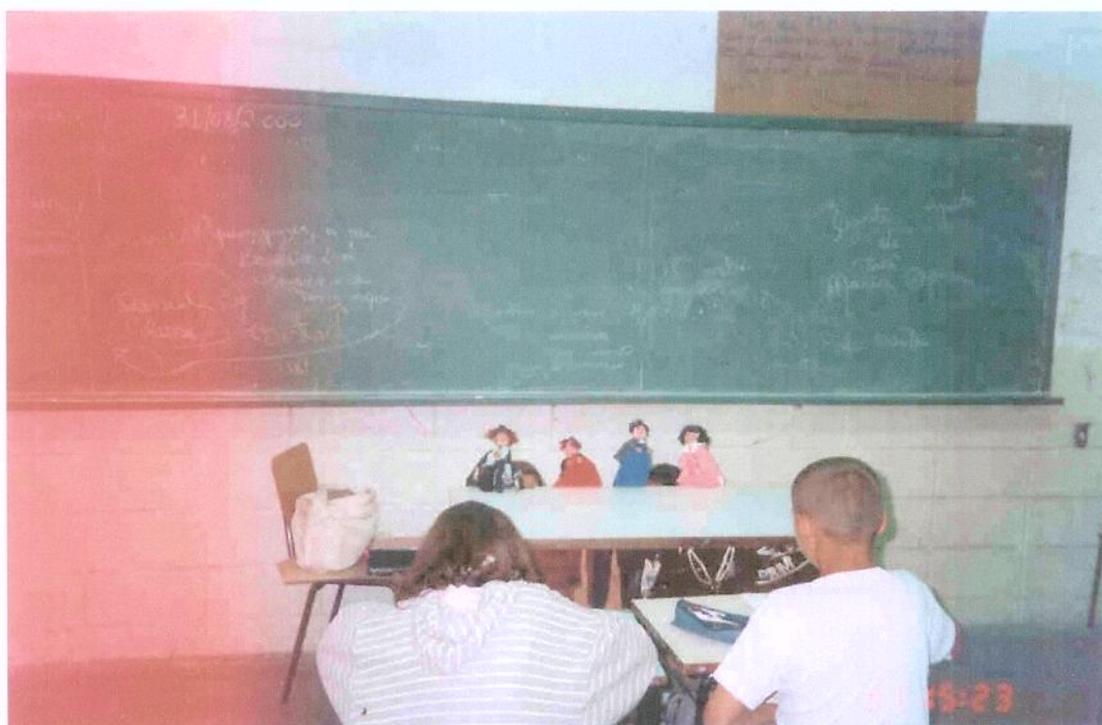
Pensamos que essa nossa primeira experiência poderia nos deixar mais alicerçados para um novo trabalho que pudéssemos desenvolver em dois semestres. Porém, antes das novas idéias, para um segundo trabalho, cabe um breve relato e análise do primeiro.

## **2 – Mãos a Obra**

## 2 – “Mãos – a – Obra”

O primeiro trabalho foi com crianças de quarta série do ensino fundamental da escola EMPG Prof. Benevenuto F. Torres, no Bairro São José em Campinas (2.º semestre de 2000).

Na nossa primeira entrada em sala de aula, decidimos por levar uma história com bonecos de papel reciclado para estarmos apresentando para os alunos. Nossa primeira preocupação – como alunos de quarta – série, ‘pré-adolescentes’, estariam recebendo nossa proposta? Não sabíamos se achariam ‘infantil’ demais estarem trabalhando com bonequinhos de papel machê.



As duas agachadas, atrás da mesa da professora Vanessa. Inicia-se o teatro. Silêncio total. Final – Palmas, alívio.

Ao olharmos para os alunos percebemos que realmente gostaram da pequena encenação. Mais gratificante foi ver o entusiasmo quando tiramos o papel picado da sacola e colocamos nas carteiras para os alunos estarem fazendo os seus próprios bonequinhos. Com as cabecinhas prontas, costuraram as roupinhas, meninos e meninas de agulhas nas mãos.



Durante a secagem das cabecinhas dos fantoches, trabalhamos as histórias. Começamos com o trabalho em grupos de quatro a cinco alunos. Tínhamos a intenção de estar trabalhando uma outra linguagem teatral. Durante o processo de vivência da proposta em sala de aula surgiu uma dúvida com relação às histórias feitas pelos alunos: Corrigir ou não os erros gramaticais? Chegamos a conclusão, junto com o professor Guilherme, que para trabalharmos a linguagem teatral com os alunos, o mais importante seria trabalharmos a voz, a entonação, e para isso, mais relevante que a correção gramatical seria a correção da pontuação, mostrando para os alunos a relação das vírgulas, pontos de interrogação, exclamação, com as pausas, ênfase nas perguntas, espantos..., que a fala poderia dar.

As histórias terem sido elaboradas pelos alunos foi de grande importância, já que os recortes feitos, fizeram sentido para eles. Vemos hoje que a nossa decisão de não estarmos corrigindo os erros gramaticais foi fundamental para não cairmos no erro de não estarmos valorizando, ou de alguma forma, estarmos destruindo, menosprezando a linguagem que usam no seu dia a dia, que é a linguagem das camadas populares, linguagem esta que faz



parte de uma cultura e como bem diz Magda Soares, *“negar a existência de cultura em determinado grupo é negar a existência do próprio grupo”* (SOARES, M., 1993.p.14).

Magda Soares nos ajuda a refletir a respeito dos padrões culturais que adotamos como certo ou errado. Dentro da lógica capitalista, acabamos por valorizar padrões culturais de determinado grupo, fazendo destes, constituintes da nossa cultura. Acabamos por ver estes padrões culturais, socialmente privilegiados, considerando-os superiores e os únicos legítimos. Estes questionamentos fazem sentido e nos ajudam a pensar que

*“O conflito entre a linguagem de uma escola fundamentalmente a serviço das classes privilegiadas, cujos padrões lingüísticos usa e que ver usados, e a linguagem das camadas populares, que essa escola censura e estigmatiza, é uma das principais causas do fracasso dos alunos pertencentes a essas camadas, na aquisição do saber escolar”* (SOARES, M.,1993.p.06).

Estas classes menos privilegiadas acabam por cair na *“ideologia da deficiência cultural”* (SOARES, M., 1993.P.11), poderia alguém dizer que o meio em que vivem seria pobre, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural, e isto poderia ser um ponto para que também tenham deficiência de linguagem. Mas aí não estaríamos admitindo que há culturas diferentes, já que *“os termos deficiência, privação, carência remetem ao sentido de falha, falta, ausência...”* (SOARES, M., 1993.P.14). Magda Soares

desenvolve este conceito dizendo que é assim que a diferença acaba se transformando em deficiência, privação, carência, e muitos acabam por admitir *que “ser diferente das classes dominantes é ser inferior”* (SOARES, M., 1993.P.15).

Por outro lado, a classe dominante pode utilizar deste conceito das diferenças culturais para estar justificando o não acesso, das classes menos privilegiadas, à linguagem socialmente privilegiada.

O que podemos verificar é que a escola acaba por valorizar a cultura da classe dominante, e os alunos encontram padrões culturais dados como certos, padrões estes que são inculcados desde cedo, não só pela escola, como pela própria sociedade.

Magda Soares nos mostra que a linguagem das camadas populares é sim diferente da linguagem socialmente privilegiada, mas nem por isso é inferior e/ou deficiente.

Um ponto fundamental que a autora toca é que, medidas tomadas para resolver a questão da “deficiência” cultural, lingüística, entre outras, não se volta para a verdadeira razão da discriminação social, *“a desigual distribuição da riqueza numa sociedade dividida em classes”* (SOARES, M., 1993.P.19). Enquanto isso acabamos por responsabilizar a própria criança e seu contexto cultural, apontando o “déficit lingüístico” como aspecto importante do deficit cultural, achando que as dificuldades de aprendizagem devem-se à deficiência lingüística.

Como Magda Soares, achamos sim essencial que a camada popular, tenha acesso, aprenda a linguagem socialmente valorizada, domine o dialeto de prestígio, *“do capital socialmente rentável”* (SOARES, M., 1993.P.74), mas que se deixe claro que as diferenças de linguagens não são desigualdades, inferioridade, e que a escola seja

*“consciente de seu papel político na luta social contra as desigualdades sociais e econômicas [...] proporcionar às camadas populares [...] instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social”* (SOARES, M., 1993.P.73).

Então, durante o processo de trabalho, acabamos por não corrigir os erros gramaticais e nem a forma com que escreviam as histórias, a não ser algumas pontuações, por motivos já explicitados, mesmo porque, como já pontuado, não queríamos que o teatro virasse uma adequação didática. Digitamos as histórias e entregamos aos alunos.

O entusiasmo pelo trabalho foi geral, mas “nem tudo são flores”. A primeira decepção \_ Terminamos a história, os alunos desenharam e pintaram os cenários.



Então, começaríamos os ensaios com as crianças. Estava tudo esquematizado, enquanto uma trabalhava com um grupo, a outra ensaiaria com um outro, enquanto os outros trabalhariam em sala com a professora Vanessa. Porém, ao tirarmos os bonecos do armário, estavam todos embolorados, decepção geral, os alunos queriam, a todo custo, os seus bonequinhos, explicamos que o cheiro estava muito forte e que poderia provocar alergias. Concluímos que não deixamos os bonecos tempo o suficiente ao ar livre para a secagem e falamos isso aos alunos.

Decidimos, então, devido ao tempo escasso, fazer as cabecinhas dos bonecos e eles voltariam a pinta-las; as roupinhas, levaríamos para lavar.

Bonequinhos prontos, agora sim começaríamos os ensaios.

Sentimos muitas dificuldades no decorrer do trabalho, como, por exemplo, lidar com as brigas nos grupos. A professora Vanessa, que começou a dar aula para esta sala no segundo semestre, disse que não estavam acostumados a trabalhar em grupo. As brigas eram constantes



- *“Tudo tem que ser do seu jeito Vanessa!!”*
- *“Olha aí professora, vê se você entende o que o Danilo escreveu. Eu não vou pôr isso na história!”*

Como propor um trabalho em grupo se algumas pessoas tomam a responsabilidade para si e acabam por elaborar as histórias sem dar ouvidos aos outros integrantes do grupo? Estávamos constantemente falando que todos do grupo deveriam participar. Começavam então, a falar todos ao mesmo tempo. Como resolver?

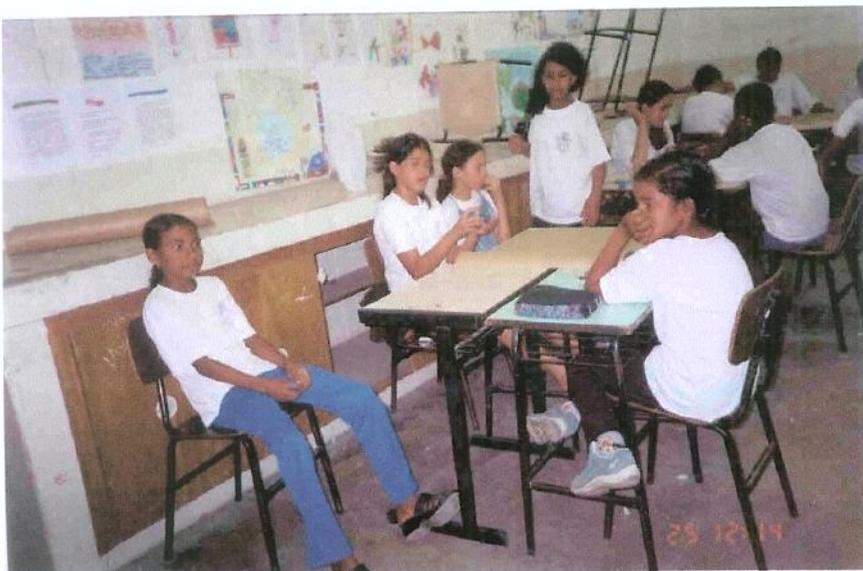
- *“Que tal se, quando for falar, levantar a mão?”*

Foi uma tentativa. Por alguns instantes resolveu o problema. Logo as brigas recomeçavam.

- *“Professora, olha só o Danilo, não presta atenção em nada e quer dar palpite!!”*
- *“Não quero mais saber, vocês resolvam e daqui cinco minutos eu volto e quero ver todos trabalhando!”*

Tentávamos resolver da melhor forma possível, mas tinha horas que não víamos solução para as brigas, então pedíamos que entrassem num acordo sozinhos.

- *“Professora, eu não quero mais participar do grupo!”*
- *“Essa possibilidade não existe, resolvam a briga logo e entrem num acordo.”*



Tínhamos certo que a proposta seria trabalharem em grupos e estávamos sempre presente e reafirmando nossa proposta.

Hoje percebemos que as brigas, os conflitos foram importantes para estarem aprendendo a trabalharem em grupo, aprendendo a perceber o outro ao seu lado, sua opinião, muitas vezes, divergentes das opiniões dos outros integrantes do grupo. Perceber que trabalhar em grupo é conversar e entrar em um consenso.

Histórias prontas, grupos, no último dia de trabalho, reunidos, nenhuma briga, eufóricos para apresentarem para os colegas. Arrumamos a sala só com as cadeiras de frente para a estrutura improvisada do nosso cenário de papelão e lençol.

*\_ “Algum grupo gostaria de estar apresentando para outras salas?”*



Apenas um grupo demonstrou interesse. Todos os grupos apresentaram para os colegas da sala.

Mais uma vez perguntamos se outros grupos gostariam de apresentar para outras salas, e, para nosso espanto, todos os alunos levantaram as mãos.

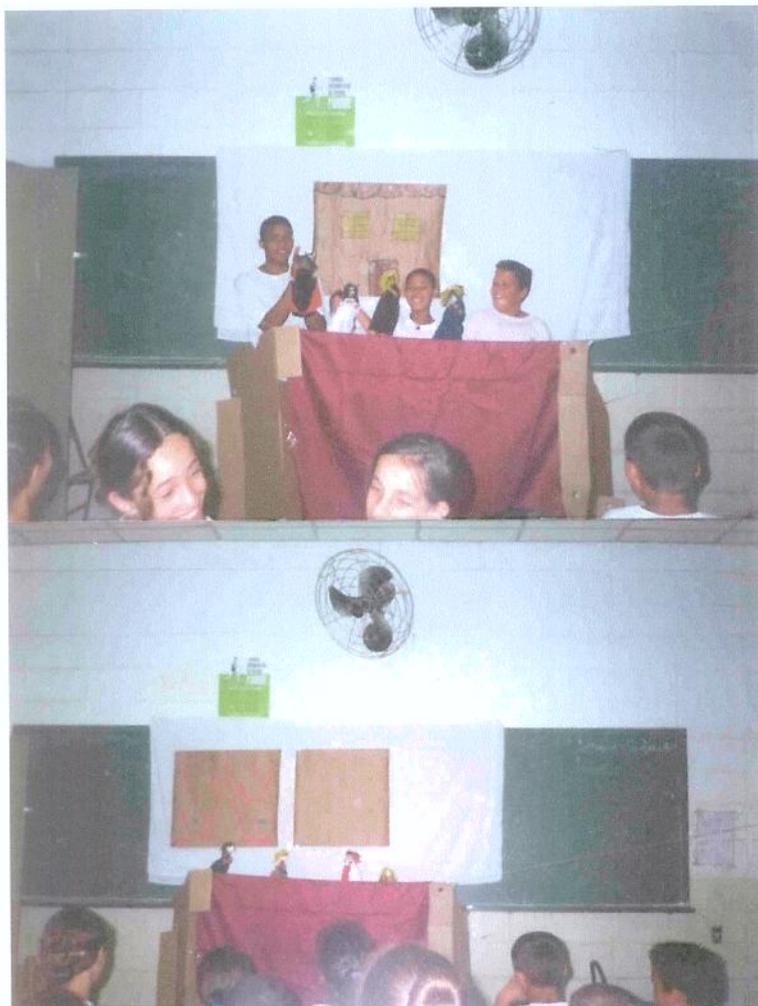
Achamos que em um primeiro momento estariam inseguros. Insegurança esta que durou apenas na primeira apresentação para os colegas. Apresentamos para todas as salas do período intermediário.

*\_ “Dona, a gente vai apresentar mais uma vez?”*

Bom, aí virou uma festa, não queriam mais parar de apresentar.

*\_ “Calma, um grupo de cada vez, depois que todos apresentarem, recomeçamos com o primeiro grupo!”*

Desde o começo estavam loucos para levar os bonecos para casa, porém guardávamos sempre na escola para não correremos o risco de acontecer algum incidente e



prejudicar o trabalho do grupo. Mesmo tendo apresentado os teatros, adiamos a entrega dos bonecos, queríamos que todos viessem na próxima semana, já que estaríamos fazendo uma surpresa. A surpresa foi a exposição das fotos do processo de confecção dos bonecos e das histórias. Ficaram empolgados, tentando se localizarem nas fotografias.

Revelamos o amigo secreto e fizemos uma festinha de confraternização. Todos felizes porque passaram de ano. Olhos cheios de lágrimas, alunos quietos, ouvidos atentos – despedida emocionada da professora Vanessa. Terá que abandonar a escola. As salas de quartas séries serão fechadas.

Por muitas vezes, eu e Lucimar, vimo-nos mergulhadas em um trabalho, que para nós, também era novo. Perdidas muitas vezes, tivemos de buscar formas para o trabalho não afundasse, tarefa difícil, mantendo o entusiasmo e o interesse dos alunos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas durante o trabalho, como, por exemplo, lidar com as brigas, os conflitos, como superar momentos de desânimo, como incentiva-los a escrita das histórias, chamá-los a criarem, imaginarem; o entusiasmo com o teatro, no geral foi evidente. Em muitos momentos, percebi que sentiam-se parte integrante do trabalho, estavam produzindo, estavam vivendo.

Paulo Freire (FREIRE, 1983), em uma visão mais ampla, relato o viver sendo mais importante do que o estar no mundo. Sentir-se nele, estar com ele faz com que nos tornemos sujeitos da história.

*“o existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires.”*

(FREIRE, 1983. p. 41)

Justamente, através dos conflitos, estavam aprendendo a viver um trabalho coletivo. As brigas, as dificuldades aconteceram, porém, estavam ligadas ao trabalho com teatro de bonecos, os alunos sentiam-se parte integrante do processo, estavam envolvidos com o processo.

3

## **Novo Trabalho, Novas Idéias**

### 3 - Novo Trabalho, Novas Idéias

Eu e Lucimar conversamos sobre as nossas dificuldades diante do primeiro trabalho; as brigas constantes, a falta de entrosamento entre as pessoas dos grupos, a falta de motivação dos alunos em determinados momentos, algumas idéias, contidas nas histórias, presas aos clichês da TV. Chegamos à conclusão de que, a nossa entrada em sala de aula para o trabalho com teatro de bonecos, poderia ter causado um certo "choque" inibindo-os para o trabalho, achamos que a entrega ao trabalho poderia ser maior. Por mais que o trabalho tenha criado um entusiasmo e um resultado que empolgou a todos envolvidos no processo, eu e Lucimar tínhamos uma ânsia por mais e melhor, tínhamos consciências das dificuldades e queríamos superá-las. E por que não, como diz Boal (1983), fornecer mais meios para o trabalho com teatro? Aqui, mais precisamente, o teatro com bonecos.

Boal ( 1983 ) nos mostra a importância do trabalho com o corpo, tornando-o mais expressivo, conhecendo suas limitações e suas possibilidades. Queríamos, através da expressão do corpo, abstraindo para a expressão das mãos, mostrar várias possibilidades de tornar um boneco expressivo.

Para o segundo trabalho, iniciamos o primeiro semestre com jogos dramáticos, brincadeiras e exercícios que fizessem os alunos irem, aos poucos, tendo contato com uma nova forma de expressão. Este primeiro contato poderia também ajudar os alunos a irem "perdendo a vergonha", deixando-os mais atentos às novas propostas. Lidando com percepções, criatividade, estariam entrando em contato com outras maneiras de pensar, relaxar, trabalhar, brincar... Todos trabalhando, jogando, criando um envolvimento no que está sendo feito, no que está se fazendo, criando um envolvimento com o grupo. Estariam dessa forma, encontrando nova área de expressão.

Nosso segundo trabalho foi com alunos de uma terceira série da escola EMPG Profa. Clotilde Barraquete, no Jardim Florense II em Campinas ( 1.º e 2.º semestre de 2001).

Outra mudança, em relação ao primeiro trabalho, foi a questão dos temas dos teatros. No primeiro trabalho o tema foi totalmente livre e por ser o primeiro contato com a forma de produção de um texto teatral, achamos que os alunos ficaram muito dispersos, sem terem idéias para possíveis temas. No segundo trabalho resolvemos dar um tema geral para que dele pudessem elaborar as histórias.

Concordando com Boal "*o teatro não é uma atividade isolada do resto*" (BOAL,p.10), pensamos, então, em levar um tema ligado às famílias dos alunos, para que, a princípio, pudessem ver sentido no que estavam fazendo, ou seja, um assunto significativo, mas que não tolhesse a liberdade de imaginação e criação, e que pudessem "voar" diante um tema amplo e não ficassem presos aos clichês da TV. No último dia do primeiro semestre explicamos a pesquisa que teriam que fazer para a continuidade do trabalho. Pedimos que escolhessem uma pessoa mais velha da família ( Avó, Avô, uma tia avó, um tio avô etc.). Teriam, então, que responder algumas perguntas a respeito da pessoa escolhida:

- \_ *Qual o nome da avó ou avô?*
- \_ *Onde nasceu? Onde morou ( cidade/ campo etc.)?*
- \_ *O que fazia?*
- \_ *Como era? ( aspectos físicos)*

Entre outras perguntas, estas fizeram parte de uma pesquisa de personagens. A partir daí os alunos estariam socializando as respostas. Formariam grupos para a montagem de uma história com os personagens pesquisados. Os bonecos feitos de papel machê e roupas de retalhos foram feitos, pelos próprios alunos, à partir da pesquisa feita.

Compartilhando da idéia de Porcher, de que todo indivíduo pode praticar o teatro, com a finalidade de se expressar, de criar, assumimos, então, o compromisso de tentar compreender esse campo de trabalho, de buscar idéias a serem trabalhadas com os alunos, porem sem o comprometimento com o sucesso. Os jogos, as brincadeiras, a encenação

*"convém que ajude a imaginação, sem alienar-se numa estética por demais elaborada, que comporte, por exemplo, a opção por uma escola, ou um modismo" ( PORCHER, 1982 p.155).*

Tentamos, no primeiro semestre criar um ambiente de trabalho, um trabalho que não estavam acostumados a participar dentro da escola, um trabalho dando vazão as suas expressões, sem medo da "ridicularidade", dando vazão a fantasia, a imaginação. Não fechamos uma série de atividades a serem "aplicadas", elas foram sendo formuladas conforme a motivação dos alunos.

Como, então, criar um ambiente para as crianças estarem assimilando uma linguagem que não estão acostumadas a trabalhar em sala de aula, envolvendo a expressão corporal, a criação? Ao trabalhar com a improvisação, a interpretação, o julgamento pode tolher a criação, o envolvimento da criança com a fantasia. O envolvimento com a linguagem corporal, teatral é também

*“manter uma realidade viva e em transformação para nós mesmos, e não trabalharmos compulsivamente por um resultado final”* (SPOLIN, 1963,p.17).

Por isso, no nosso primeiro dia de trabalho não relatamos aos alunos o processo final que planejamos, pois tal final poderia ser modificado, ou mesmo não ocorrer da maneira que pensamos. Se o tivéssemos relatado, os alunos poderiam ficar frustrados ou ansiosos pelo final, não se preocupando, não se doando ao processo de trabalho, aos jogos e brincadeiras que pensamos em trabalhar com eles.

Lendo alguns livros, percebo a importância dos jogos e brincadeiras para o trabalho com o teatro. Jogos e brincadeiras, em grande parte das obras sobre o assunto, chamados de jogo dramático.

Queríamos que os alunos adentrassem em uma linguagem de corpo e voz, através dos jogos e brincadeiras, trabalhando com a criação, com a *“imaginação criativa”*, imaginação esta, relatada por Courtney, como sendo o diferencial do ser humano ( COURTNEY, 1974p.3 ), o lúdico também faz parte da formação humana.

Com as atividades em grupo poderiam trabalhar a habilidade para compreender o ponto de vista do outro, poderiam estar envolvidos na *“cooperação com os outros no uso criativo da liberdade”* ( EVERNDEN, S: Drama in Schools, comunicação pessoal, 1966 IN COURTNEY, 1974p.47 ) já que atuar não deixa de ser uma atividade social que depende da interação dos indivíduos. Teatro em si, pressupõe comunicação. Queríamos descobrir com os alunos *“a sua expressão e a sua capacidade de comunicar os conteúdos de sua realidade”* ( LOPES, 1989.p.56 ), O que Bourdieu chama de Capital Cultural.

Não queríamos que os jogos e brincadeiras utilizadas por nós pudessem ser vistos como guia de ações, mas como provocadores de novas situações para que pudessem descobrir formas de melhor utilizar os elementos para o teatro de bonecos, exercitando a percepção visual, o conhecimento entre as pessoas do grupo, a criação coletiva, a liberdade de expressão, o despertar da curiosidade.

Mesmo assim, sabendo que algumas mudanças poderiam ser feitas no decorrer do trabalho, acabamos por criar muitas expectativas, achando que poderia, através das modificações, com relação à nossa primeira experiência, melhorar o nosso trabalho e despertar uma maior motivação nos alunos.

Nossas expectativas, por muitos momentos, caíram por terra. Durante o segundo semestre, quando introduzimos o teatro de bonecos, percebemos uma grande dispersão dos alunos frente ao nosso trabalho. Por muitas vezes nos vimos de mãos atadas para "levantar" e chamar os alunos para a continuidade do teatro. Não deu para deixar de sentir uma enorme frustração por não perceber ânimo em grande parte dos alunos frente ao trabalho. Senti-me incapacitada diante ao desânimo, desrespeito verbal, sobretudo, a falta de interesse.

Como não deixar transparecer a tristeza e a frustração por resultados que não foram cogitados? Tarefa árdua, acho mesmo que impossível. Os alunos acabavam percebendo nossos momentos de desânimo perante a falta de resposta ao trabalho. Parávamos as atividades à espera da atenção dos alunos para o trabalho.

\_"Vocês não gostam da gente?"

Tentávamos explicar que estávamos chateadas com a atitude deles, ou melhor, com a falta de atitude consciente deles perante o trabalho. Dizíamos que não estávamos gostando da desorganização, da falta de atenção, o que é bem diferente do não gostar deles enquanto pessoas. Dizíamos do carinho que tínhamos com eles, se não, não estaríamos lá tentando desenvolver um trabalho que poderia ser gostoso vivenciar, mas que, para isso, não dependia apenas de nós, eu, Lucimar e a professora Vanessa, mas também deles, alunos.

Chegamos ao final do trabalho com três grupos. Esses três grupos apresentaram os teatros para os alunos de outras salas e para os alunos da nossa sala.

Ao contrário do primeiro trabalho, que insistimos para que ninguém desistisse, no segundo trabalho foi impossível. Insistimos, com os alunos do primeiro trabalho, para a continuidade, porque todas as brigas, todos os conflitos giravam em torno da produção, do processo de trabalho, apesar de todas as dificuldades, estavam envolvidos com o trabalho. Já no segundo trabalho, não víamos vínculo, não víamos interesse de parte dos alunos com o processo. Quando insistíamos para que todos continuassem, o trabalho estagnava.

Resolvemos, então, continuar o trabalho com aqueles que realmente desejavam continuar. Pelo total desinteresse de grande parte dos alunos, em determinados

momentos, não conseguimos ver possibilidade de resgatar qualquer sentido por um trabalho que se fazia morto para esses alunos. Alguns alunos que não viram significado, sentido no trabalho que estava sendo feito, de alguma forma, chamavam outros alunos à "bagunça", ao não envolvimento com o processo de trabalho. Enquanto estes alunos, chamados à não participação, procuravam "*conformar sua conduta à expectativa alheia*" (FREIRE, 1983.p.44 ), outros, decididos à continuidade do trabalho, tentavam a integração com outros alunos interessados e afirmavam-se como sujeitos em uma atitude crítica em desenvolver as atividades, conseguindo tirar delas algum proveito, seja pelo "*puro prazer de desfrutar de sua fantasia*" ( COURTNEY, 1974.p.246 ), seja pela curiosidade de um novo conhecimento na expressão de suas vivências.

As mudanças, as novas idéias, por muitos momentos, pareceram inúteis diante a expectativa de que pudessem ter uma melhor interação com o trabalho, possibilitando a maior comunicação e participação de todos. Senti que, quando eram chamados a criarem, pesquisarem os possíveis personagens, as possíveis histórias, o interesse pelo trabalho declinava. Porém, se nos propomos fazer teatro dentro da escola, não podíamos deixar de mostrar que o "*processo ativo de pesquisar*" ( LOPES, 1989.p.152) está vinculado a esta arte, possibilitando uma melhor criação e expressão. Para que essa arte "*afete a nossa vida é preciso vivê-la*" ( ROBOT in LOPES, 1989.p.111 ), e para vivê-la, aprender a explorar aquilo que envolve essa forma de expressão.

A alegria, o prazer em estar fazendo algo novo, não descarta, não anula uma caminhada de luta, de entrega à superação das barreiras, das situações - limites. Tentávamos "*mostrar a parte positiva do momento negativo que certamente está presente*" (BRECHT, 1967.p. 177) neste processo de se fazer arte, e que, "*criticar o caminho que o rio corre significa melhorá-lo e corrigi-lo*" (BRECHT, 1967.p. 177).

Porem, em muitos momentos, ao invés de caminharmos para a comunicação, interação com o trabalho, o que encontrávamos era o bloqueio a qualquer tentativa de participação de muitos alunos perante as atividades; ao invés de caminharmos para o respeito entre todos para um real engajamento na busca de aprender e apreender uma nova experiência, o que encontrávamos era violência de atitudes, não apenas física entre os alunos, mas também violência verbal, moral. Tínhamos nos baseado no primeiro trabalho, achando que as mudanças, certamente, melhorariam um segundo trabalho, o fato é que não estávamos lidando com o mesmo grupo, e, certamente, cada grupo respondeu de uma forma diferente à criatividade e a disponibilidade à participação.

Diante as diferentes respostas dos grupos, e as dificuldades, como lidar com a angustia perante a apreensão por não perceber, por não saber lidar, no momento exato, com a falta de explicação, com o não conhecimento, com o não saber o que fazer ? Busca incessante de diálogo, que nem sempre parecia ser o suficiente para a solução dos problemas, mas, como já disse, diálogo é aprendizagem. Aprendizagem também minha. Muitas vezes a dificuldade das minhas explicações serem compreendidas era evidente, porém, a busca pelo entendimento estava sempre presente no meu desejo de diálogo, mas não via este desejo por parte dos alunos.

Porém, para analisar a resposta diante às dificuldades perante este trabalho com teatro de bonecos, temos que nos situar dentro de um contexto político, social e cultural.

**As Dificuldades do Trabalho com Teatro de Bonecos no Contexto  
Político, Social e Cultural**

#### **4 - As Dificuldades do Trabalho com Teatro de Bonecos no Contexto Político, Social e Cultural**

Partindo da concepção de que o ser humano é um ser concreto inserido em um contexto histórico, ao refletirmos acerca dos problemas, das dificuldades encontradas neste trabalho com teatro de bonecos em sala de aula, temos de pensar nos sujeitos envolvidos no processo, elaborando e criando conhecimento, assim como no contexto histórico em que estão inseridos. Só assim nos faremos conscientes deste contexto e, consciência crítica é um grande passo para a ação e reflexão dos homens sobre o mundo com o objetivo de transformá-lo.

As dificuldades no desempenho dos trabalhos coletivos não deixa de ser reflexo da valorização do indivíduo desligado do todo. Aprender a dialogar faz parte da convivência humana. Quanto menor a noção de comunidade, menor a crítica que se faz dela. No lugar da palavra, do entendimento, da participação política, valoriza-se a violência. A noção de participação, a noção de que somos sujeitos junto com outros sujeitos vem perdendo espaço para o total individualismo.

É fato que a violência vem ganhando espaço na nossa realidade, seja através do papel que os pais exercem junto aos filhos, seja através da banalização do problema imposta pela mídia, seja através do descaso político. Mas o que tudo isso tem a ver com o nosso trabalho de teatro dentro da escola, e com o desinteresse dos alunos perante tal experiência? Quando era exigido dos alunos reflexão, ficavam desinteressados no trabalho. Parece-me que o pensar, o criar, o pesquisar está cada vez mais distante dos alunos, levando-os a um abandono de significados. O aluno não encontra uma identificação com o conhecimento reflexivo acabando por valorizar um determinado caminho que leve a um determinado fim. Fim este ligado as “necessidades” materiais, a um status valorizado pela mídia, pela sociedade. A questão da aparência valendo mais que a essência não deixa de ser um fator que leva a total banalização da violência. Os caminhos legais não são valorizados, o que importa é o fim.

Podemos perceber a total descrença com relação aos meios legais, a ineficiência da polícia em fazer cumprir as leis, podendo levar a uma “naturalidade” à ascensão social pelo mundo do crime. Hegel já tratava da questão essência/aparência em uma discussão metafísica, no campo filosófico, justificando que a ciência tem de estar conectada a essência, o senso comum seria a aparência. Marx trouxe essa discussão para

as relações sociais, ou seja, descobrir a essência da estrutura social, e a violência não deixa de ser fruto dessa estrutura, da organização social que vivemos, que, na verdade está calcada nas relações de desigualdade. Não queremos aqui generalizar a desigualdade social como único fator da violência, porém não podemos fugir da concepção de que é o fator de maior relevância.

Narodowski (NARODOWSKI, M. 1998) nos ajuda a pensar na questão observando na criança de hoje uma maior independência, podendo ela fazer parte de dois pólos.

O primeiro pólo é o da infância "*hiper-realizada*", ou seja, crianças que se realizam diante do computador, da televisão, da internet, etc.

O segundo pólo é o da infância "*des-realizada*". É a criança cujo mundo de trabalho começa mais cedo, é a criança da rua que se emancipa através das informações da sua realidade, a "*realidade real*". O autor diz que tal criança sempre existiu, e a visão que se tem de resgatá-la, é colocá-la na escola.

Porém a criança de rua e a ligada ao computador fazem parte de dois pólos diferentes, que não correspondem à visão de aluno da modernidade. Antigamente havia uma parceria entre escola e família, em que se tinha a proeminência da escola, ou seja, o professor sempre oferecia a visão que era acatada pelo aluno. Hoje, levando-se em conta a família, a mídia e a escola, em caso de conflito de idéias, não há mais a prevalência da escola.

A cultura escolar é aquela que você pára para pensar. Hoje não há mais parada, na cultura da mídia há grande rapidez de informações.

O mesmo autor coloca que a escola do século XVII permanece até hoje e que não há como reformá-la, há que se buscar novas soluções.

De fato a criança tem hoje maior autonomia, mas será que essa independência de informações não a deixa mais perdida na busca do seu norte, partindo assim para atitudes "berrantes", como, por exemplo, a violência, seja física, seja moral?

Um outro ponto refere-se a questão do saber dos porquês das coisas, algo que a mídia dificilmente oferece. Dentro deste contexto, como a escola pode vir a ser um local de reflexão? Independente das diferenças sociais, a mídia, com certeza, impõe um estilo de vida aos jovens, doutrinando, estabelecendo modelos, costumes, comportamentos valorizando o consumo de bens materiais, e tê-los, a qualquer custo, torna-se necessidade.

A mídia acaba por deixar de lado a responsabilidade social em nome da liberdade de expressão em uma sociedade que a cada dia torna-se mais individualista, levando a um total isolamento do ser humano.

Como, então, pensar em um trabalho que exige criação, imaginação, reflexão sem estarmos abstraindo à questões mais amplas, para os problemas sociais? A sala de aula não é espaço em que, sentando-se à frente da lousa, assiste-se a passagem de conhecimentos prontos a serem “engolidos”. O homem ocupa um lugar no mundo, ou seja, no espaço público comum a todos, e é neste espaço que se tem o estabelecimento de relações, mas o que acontece hoje, é que os interesses privados acabam tomando grandes dimensões, o administrar riquezas privadas acaba por fazer parte das necessidades vitais do homem. Sem esquecer do nosso governo, que ao invés de se preocupar com os interesses públicos, valoriza os interesses privados estrangeiros, vide as privatizações, as concessões feitas às empresas multinacionais, não sei se é esse o termo que se usa ainda, ou se transnacionais. Realmente parece que certos personagens da nossa política *“desejam praticar honestamente a desonestidade”* (BOAL, A. 1976). Será mesmo que *“numa sociedade organizada o suborno obedece a certas regras”*? (GOGOL, N., 1976). Podemos perceber que a mídia tenta fazer uma generalização da corrupção entre os políticos, colocando-os todos em um “mesmo saco”. Para alguns, ou muitos políticos, esta acaba sendo uma situação cômoda, já que, estando no “mesmo barco”, de certa forma, não são “discriminados”. Tal situação promove uma descrença na população, mas isso não deixa de ser falta de amadurecimento político.

Está certo, então que os interesses privados são cada vez mais valorizados, então o ato político, as relações entre os homens acabam em segundo plano. O ter torna-se essencial e passamos a ser vistos e a nos vermos não só como consumidores de mercadorias, mas também notícias, sentimentos, idéias, conhecimento,

*“a transformação da cultura, como grande parte dos valores de nossa sociedade, em mercadoria, já tem sido suficientemente denunciada em todos os ramos das ciências humanas”* ( KÜHNER, 1975.p.75).

Se, então, os alunos trazem, para dentro da sala de aula a mentalidade do consumo, qual, então, o sentido da escola para esses alunos? Um vazio de significados, não só com relação ao ensino – aprendizagem, mas também, com relação à própria vida.

Valoriza-se, cada vez mais, a quantificação do sucesso. Joga - se nas mão do indivíduo a responsabilidade, única e exclusiva, do seu sucesso ou fracasso. O sujeito não se vê mais dentro de um grupo. Torna - se relevante adquirir as características que são julgadas e encaradas pela sociedade moderna como portadoras de significado de sucesso desligado de um conjunto de regras morais, que são postas pelo indivíduo. A sociedade acaba por absolver e legitimar os caminhos, as regras usadas para o sucesso, para a aparência do bem sucedido, ligada ao acesso aos bens materiais. Mede - se em bens materiais a felicidade, o bem estar. Vemos o outro como concorrente, aquele que quer tomar o que é meu, havendo, portanto uma quebra de identidade de grupo, da consciência de classe, da solidariedade. Com esse isolamento humano, o sentido da participação política cai por terra.

Dentro deste contexto, o aluno tenta buscar uma utilidade, um retorno imediato, aparente, para tudo o que é apresentado à ele. Perante o trabalho com teatro de bonecos, alguns alunos, de certa forma, também se desinteressaram por não conseguirem ver, de maneira clara, imediata, o uso, a função do que estava sendo feito. Abstrair, ver além do que estão acostumados a receber, seja pela família, escola, sociedade, não é tarefa fácil. Somos seres humanos e como tais, constituídos de valores, pré - conceitos, idéias, sentimentos. Temos nossas "verdades", porém essas "verdades" vão sendo construídas na nossa relação com o outro.

Como, então, podemos superar

*"a visão parcial e fragmentária, própria da análise, para uma visão de conjunto, de suas relações e estruturação em um todo único, em uma síntese que permita a unificação das perspectivas parciais" (KÜHNER, 1975.p.21),*

se somos coisificados e nos vemos como tal ?

*"... o indivíduo nunca esteve, como atualmente, tão inteiramente entregue à coletividade cega e tão castrado em sua capacidade de pensar, de agir, de começar algo novo. A máquina social subjuga de tal modo cada indivíduo que este se vê privado até do anseio do diálogo, da iniciativa, do desejo. O desejo é "anti-científico! e portanto! deve ser erradicado" '( ZUBEN, 1986 )*

Mudança de atitude. Apesar dos entraves, de alguma forma, estávamos tentando, com o trabalho de teatro de bonecos, fazer com que os alunos, ao invés de reafirmarem

hábitos de passividade, assumissem hábitos de participação, algo difícil diante uma sociedade, diante uma história da educação em que o diálogo não teve a devida valorização, em que os comunicados tornaram-se meio eficiente para a submissão, para o não questionamento.

Em muitos momentos somos sim condicionados, programados,

*"mas não determinados, movemo-nos com um mínimo de liberdade de que dispomos na moldura cultural para ampliá-la" ( FREIRE, 1993.P.94 ).*

E além de ampliá-la, também repensá-la, recriá-la. Através do nosso conviver, alunos - alunos, alunos - professores, marcamos nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. Ampliamos nosso olhar, refletindo, criando e recriando.

---

<sup>1</sup> ZUBEN, Newton Aquiles Von. **SALA DE AULA : Da Angústia de Labirinto à Fundação da Liberdade.** IN MORAIS ( ORG. ), 1986.P.129.

## Considerações Finais

## 5 - Considerações Finais

Essa nova experiência envolveu um caráter lúdico.

*"A palavra 'ludus', em sentido próprio significa jogo, divertimento e, por extensão, Escola, aula" <sup>2</sup>.*

Tentar estabelecer o diálogo na busca da interação com o trabalho, na busca da participação dos alunos ao prazer, à criatividade à emoção, foi um desafio enriquecedor e que envolvia riscos. Trabalhar com o lúdico em sala de aula não é tarefa fácil. Como diz Marcellino (1986), o lúdico vem sendo negado na escola. Os próprios alunos acabam por absorver a idéia de que o lúdico não faz parte da sala de aula e por isso não é encarado com seriedade,

*"a não seriedade do jogo não significa que o jogo não é sério; pelo contrário, muitas formas de jogo são extremamente sérias" <sup>3</sup>*

Esse desafio envolvia riscos, já que o lúdico e a seriedade são colocados em campos opostos na sala de aula (MARCELLINO,1986), a alegria, o prazer são encarados como elementos perturbadores da "ordem", porém, *"sem a coragem de correr o risco, não existe educador. E jogar significa correr riscos"* (MARCELLINO, Nelson C. in MORAIS, Regis de, 1986.p.63).

Certamente encontramos dificuldades imensas perante essa nova empreitada, principalmente a dificuldade em lidar com o desinteresse, com a falta de respeito entre os colegas de sala. Como lidar com o equilíbrio entre disciplina e prazer? Tentávamos estabelecer sempre um espaço de diálogo para esse processo de vivência e convivência, *"é no 'jogo da verdade' da sala de aula que a disciplina se constitui, e não é imposta, é coro e não ditado"* (MARCELLINO, Nelson C. in MORAIS, Regis de, 1986.p.70).

Como já disse, em determinados momentos, não conseguimos ver possibilidade de resgatar qualquer sentido de um trabalho que se fazia morto para alguns alunos.

---

<sup>2</sup> MARCELLINO, Nelson C. A Sala de Aula como Espaço para o "Jogo do Saber" in MORAIS, Regis de (org.), 1986.p.59.

<sup>3</sup> MARCELLINO, Nelson C. A Sala de Aula como Espaço para o "Jogo do Saber" in MORAIS, Regis de (org.), 1986.p.64

Mas, como julgar todo um trabalho como morto se ao final do processo, os alunos que apresentaram os seus trabalhos, mostraram envolvimento, motivação e um forte sentimento de grupo no fazer, no querer fazer algo que para eles era novo?

Os alunos que chegaram ao final do trabalho com os teatros prontos, conseguiram enfrentar os obstáculos na busca da curiosidade por fazer algo novo. Dentro do limite de cada um, deixaram fluir a imaginação, a criação, sentimentos, sonhos, desejos.

Como julgar todo um trabalho como morto, sabendo que o novo, por vezes, assusta? Julgar todo um trabalho como morto seria tolher qualquer sentimento de mudança. Talvez tal trabalho tenha sido um começo, pequeno que seja, para que esses alunos, os que desistiram no meio do caminho e os que continuaram, possam se entregar um pouco mais a um novo trabalho que, quem sabe, não parecerá tão "estranho" aos seus olhos. Que possa haver uma maior entrega ao novo, a mudança, não a mudança sem significados, mas a mudança que os façam vivos. Que possamos recuperar, como bem diz Marcellino, o sentido original de "Ludus" para que possamos

*"Contar com a força subversiva dolúcido, contribuindo para a derrubada da 'realidade', denunciando-a pela contradição com o prazer, para que a esperança não morra, através da resistência da festa" <sup>4</sup>( 1986.p.69 )*

Por outro lado, este trabalho pode ser dado como morte. Morte aqui necessária diante a superação, diante a possibilidade da vida, a possibilidade de aprender a superar o inesperado, porém o inesperado que instiga e que deixa passar brechas de esperança. Não o inesperado que se sabe morto, que sufoca, não o inesperado que amedronta, imobilizando qualquer possibilidade de superar as dificuldades.

O inesperado amedronta, porém ao criarmos possibilidades para o enfrentamento desses medos, não permitimos *"que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço"* ( FREIRE, 1993.p.30 ).

A insegurança, em muitos momentos, não deixou passar qualquer resposta às dificuldades, por vezes, ao adiarmos o enfrentamento do obstáculo, vemos algumas possibilidades, e nos tornamos mais capazes de fazê-lo amanhã ( FREIRE, 1993 ).

---

<sup>4</sup> MARCELLINO, Nelson C. A Sala de Aula como Espaço para o "Jogo do Saber" in MORAIS, Regis de ( org. ), 1986.p.69.

Este trabalho com teatro de bonecos não esteve distante de momentos de dor, de prazer, vitórias, derrotas, dúvidas, alegrias, sempre na expectativa de superar as dificuldades diante um

*"horizonte de possíveis"<sup>5</sup>.*

---

<sup>5</sup> ZUBEN, Newton Aquiles Von. **SALA DE AULA : Da Angústia de Labirinto à Fundação da Liberdade.** IN MORAIS ( ORG. ), 1986.P.126.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICHI, Fani. **O Estranho Mundo que s Mostra às Crianças**. São Paulo : Summus, 1983.

A pré – história da linguagem escrita. In VYGOSTSKY. **A Formação Social da Mente**. A língua escrita numa perspectiva interacionista. Embate e similaridades. In : Caderno Idéias, nº20, 1993, FDE.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não - Ator com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro**. 2<sup>a</sup> ed. R.J.: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

\_\_\_\_\_ **Teatro do Oprimido e Outras Políticas**. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_ **O Arco Íris do Desejo**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, AUGUSTO, in GOGOL, **Nicolai O inspetor geral** (prefácio). São Paulo, Abril Cultural,1976.

BRECHT, Bertold. **Teatro Dialético**. Rio De Janeiro : Civilização Brasileira,1967.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro & Pensamento**. 3<sup>a</sup> ed. Traduzido por Karen Astrid Müller e Silvana Gracia. São Paulo : Editora Perspectiva,1974.

Escrita, Alfabetização e Letramento. In TFOUNI, L., **Letramento e Alfabetização**. SP, Cortez, 1995.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo : relato de uma professora**. 8<sup>a</sup>.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 14.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_ **Professora Sim Tia Não : cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo : Olho d'Água Civilização Brasileira, 1993.

GOGOL, Nicolai. **O inspetor geral**. São Paulo, Abril Cultural, 1976.

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização : quem tem medo de ensinar ?** Cortez, 1996.

KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Popular : uma experiência**. Rio de Janeiro : F. Alves, 1975.

LOPES, Joana. **Pega teatro**. Campinas, SP. : Papyrus, 1989.

MORAIS, Regis de ( Org. ). **Sala de Aula : que espaço é esse?** Campinas, SP : Papyrus, 1986.

NARODOWSKI, Mariano. Adeus a Infância e a Escola que a Educava In SILVA, Luís Heron da. **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização** (org.) Ed. Vozes – julho 1998.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: luxo ou necessidade ?** São Paulo : Summus, 1982.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. Série : pensamento e ação no magistério. Ed Scipione, 1989.

SLAIDE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo : Summus, 1988.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva social**. 10<sup>a</sup>. ed. Editora Ática São Paulo, 1993.



# **ANEXOS**

## ANEXOS

### 6.1 - HISTÓRIAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS DA QUARTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA EMPG PROF. BENEVONUTO F. TORRES.<sup>6</sup>

Aline C - Tio Arto

Aline S. - Morgana

Danilo - Losangela

Suelen - Sabrina

Vanessa Ap. - Nino

#### "O Castelo Ratibum"

**Nino** – OLÁ PESSOAL MEU NOME É NINO EU MORO NA CIDADE DE NATAL EM BELEN. EU TENHO 11 ANOS. MINHA TIA SE CHAMA MORGANA E O MEU TIO SE CHAMA ARTUR, MORO NUM CASTELO MARAVILHOSO. TIA POSSO IR SOLTAR PIPA?

**MORGANA** – SIM MAS TOMA MUITO CUIDADO.

**NINO** – SIM TIA VOLU TER MUITO CUIDADO : OLÁ SABRINA!!!

**SABRINA** – OI NINO QUI BOM TE VER AONDE VOCÊ VAI !

**NINO** – ESTOU INDO SOLTAR PIPA

**SABRINA** – POSSO IR COM VOCÊ ?

**NINO** – SIM VAMOS AGORA

SABRINA ESPERA UM POUCO VOU PIDIR PARA O MEU TIO NOS LEVAR PARA O PARQUE DE CARRO

**TIO** – NINO EU NÃO POSSO TI LEVAR PORQUE EU VOU NA REUNIÃO DE BRUXAS.

**LOSANGELA** – TENHO UMA IDEIA MELHOR VAMOS COM MIGO DAÍ NOS APROVEITAMOS E VAMOS A SORVETERIA TOMAR SORVETE.

**TIO** – EU ACHO QUE VOU DESESTIR DA REUNIÃO DE BRUXA E VOU SAIR COM A MINHA FAMÍLIA.

---

<sup>6</sup> Histórias redigidas exatamente como os alunos escreveram.

**CARINE - RAINHA**  
**FERNANDA – REI**  
**EVELYN – EMÍLIA**  
**ISRAEL – ESCRAVO**  
**ANDRÉ L. R. - ESCRAVO**

**“SOBRE MINHA VIDA”**

**EMÍLIA** – OI GHENTE, MEU NOME É EMÍLIA EU VOU CONTAR UMA ESTÓRIA SOBRE A MINHA VIDA.

BEM TUDO COMEÇOU NUMA CIDADE CHAMADA RIO VERMELHO. EU ESTAVA A PROCURA DE UM EMPREGO, E FUI ATÉ O PALÁCIO DO REI FERNANDO, PEDIR EM PREGO...

**REI** – OI EMÍLIA

**EMÍLIA** – VIM A PROCURA DE UM EMPREGO...

**REI** – A TARDE VOCÊ VOLTA PORQUE A RAINHA NÃO ESTÁ NO PALÁCIO.

**EMÍLIA** – TA BOM A TARDE EU VOUTO. TCHAU. VOU ATÉ NO PACIO DO REI PARA SABER A RESPOSTA.

OU REI EU JÁ POSSO COMEÇAR A TRABALHAR

**REI** – SIM, VOCÊS PODE COMEÇAR AGORA

**EMÍLIA ( PÚBLICO )** – SÓ QUE UM DIA O REI VIAJOU

**REI** – VOU VIAJAR E VOU CONTRATAR DOIS ESCRAVOS PARA CUIDAR DO PALÁCIO.

**ESCRAVO ( ISRAEL )** – AGORA QUE O REI PARTIU VAMOS A UMA FESTA QUE ESTÁ TENDO LOGO PERTO DA FAZENDA.

**ESCRAVO ( ANDRÉ )** – ENTÃO VAMOS !

**EMÍLIA** – VOU LEVA O CAFÉ PARA OS ESCRAVOS! HAAAAA, CADÊ ELES?

AMANHÃ VOU PERSEGI-LOS.

( PÚBLICO) NO DIA SEGUINTE ... FUI SEGUI-LOS E DESCOBRI QUE  
ELES ESTAVAM INDO A UMA FESTA

**REI** – CHEGUEI EMÍLIA, TUDO BEM ?

**EMÍLIA** – TUDO BEM. TCHAU.

NÃO SEI SE CONTO, ACHO QUE VOU TER QUE CONTAR PARA A  
RAINHA

**RAINHA** – OI EMÍLIA

**EMÍLIA** – OI

**RAINHA** – O QUE VOCÊ QUER AQUI ?

**EMÍLIA** – VIM FALAR SOBRE UMA COISA MUITO IMPORTANTE

**RAINHA** – O QUE É ESTA COISA TÃO IMPORTANTE

**EMÍLIA** – BOM OS ESCRAVOS ESTAVA SAINDO QUANDO A MAGESTADE  
ESTAVA VIAJANDO

**RAINHA** – TENHO QUE FALAR COM O REI

( RAINHA FALANDO COM O REI )

OS ESCRAVOS ESTAVAM SAINDO QUANDO MAGESTADE ESTAVA  
FORA DO PALACIO.

**REI** – NÃO ACREDITO... NÃO ACREDITO O QUE ACONTECEU COMIGO VOU  
DESPEDILO ESSES ENCOMPETENTES

**EMÍLIA** ( PÚBLICO ) – DEPOIS DE ALGUNS MESES O REI AREPENDITO  
MANDO OS ESCRAVO DE VOLTA.

**ESCRAVOS** – MANDOU ME BUSCAR MAGESTADE

**REI** – SIM! PARA PEDIR PERDÃO.

**ES CRAVO** – MESMO?

**REI** – SIM MAIS SÓ SAIR NO HORARIO QUE VOCÊS TERMINAREM O  
TRABALHO.

**EMÍLIA** – A RAINHA TEVE UMA PRINCESA E EU FUI A BABA.

E TODOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

**GUILHERMINA** – ELIELTON

**AGUINALDO** – ELIAQUIM

**VAMPIRO CHARLES** – EBERSOM

**JONE MORCEGÃO – ANDRÉ A. DA SILVA**

**GUILHERMINA – AGUINALDO QUE CASA ESTRANHA!**

**AGUINALDO – É EMPREÇÃO SUA MEU AMOR**

**VAMPIRO CH – JONE MORCEGÃO ESTAS DUAS PESSOAS JÁ ESTAM ME IRRITANDO.**

**JONE M – NÃO LIGA, LOGO VAMOS ATACAR.**

**GUILHERMINA – AGUINALDO VOCÊ ESTÁ ESCUTANDO ALGUMA COISA LÁ EM BAIXO?**

**AGUINALDO – NÃO É NADA É SÓ UNS RATOS LA NO PORAM.**

**VAMPIRO CH – VOCÊS E QUE PENSÃO QUE SÃO RATOS AH! AH! AH!**

**JONE M – É ISSO MESMO VAMPIRO CHARLES, VAMOS AO ATAQUE AH! AH! AH! AH!**

**GUILHERMINA – SOCORRO! SOCORRO!**

**AGUINALDO - ALGUEM ME AJUDE!**

**VAMPIRO CH – VAMOS SUGAR UM SANGUINHO?**

**JONE M – HUM ESTOU COM SEDE DE SANGUE.**

**ARIANE – KHEUYR**

**ERICA – GREICE KELLE**

**CINTIA – AYNE E MAIKE**

**DANIELA C – KAMILA**

**ANA – YASMIM**

#### **AS CINCO JOVENS**

**KHEUYR – IRMÃS VOCÊS SABIAM QUE YASMIM ESTÁ SE APAIXONANDO PELO MAIKE?**

**GREICE KELLE – NÃO SABIA! E VOCÊ KAMILA**

**AYANE – SIM EU SABIA E VOCÊ KAMILA**

**KAMILA – SIM EU SABIA ATÉ MAIS PRIMEIRO DO QUE VOCÊ AYNE!**

**KHEUYR** – GENTE VAMOS FICAR QUETAS ! YASMIM ESTA CHEGANDO.

**YASMIM** – POSSO SABER SOBRE O QUE VOCÊS ESTAVAM FALANDO?

**KAMILA** – NADA NÃO!

**YASMIM** - ESTOU SABENDO, VOCÊS ESTÃO COM MUITO SEGRDINHO,  
DEIXE PRA LÁ PRECISO ME ARRUMAR PARA IR VER O MAIKE

**MAIKE** – YASMIM COMO VOCÊ ESTA LINDA! ESTOU APAIXONADO?

**YASMIM** – EU TAMBÉM! VAMOS MARCAR A DATA DO CASAMENTO?

**MAIKE** – SIM!

**KHEUYR** – MAIKE QUE GOSTOSÃO QUE VOCÊ É,BOBIOU DE NÃO CASAR  
COM GREICE KELLE

**MAIKE** – É PORQUE EU AMO ELA .

**KHEUYR** – VOCÊ QUE ESCOLHE MAIKE MAS NÓS VAMOS CONTINUAR  
ATORMENTANDO VOCÊS PELO RESTO DA VIDA OU VOCÊ SE SEPARA E  
CASA COM GREICE KELLE OU SUA VIDA ESTA ARRUINADA!

**GREICE KELLE** – MAS MAIKE EU TE AMO !DEIXE YASMIM E SE CASE  
COMIGO PORQUE ELA NÃO TE AMA, MAS EU SIM, TE AMO ?

**MAIKE** – PRECISO IR EMBORA THAU GREICE KELLE?

**KHEUYR** – AGORA A GREICE KELLE FICA SÓ

**GREICE KELLE** – THAU MAIKE!

**GUILHERME** – MAIK

**ADRIANO** – PETECO

**DIEGO** – JACK

**DENILSON** – DARTANHAM

### **OS TRÊS MOSQUETEIROS E O APRENDIS**

O TRÊS MOSQUETERO ESTAVA SENTDO DE BAIJO DE UMA ÁRVOORE

**MAICK** – VAMOS DAR UMA VOLDAR NO BOSQUE.?

( DARTANHAM APARESE)

**DARTANHAM** – BOM DIA COMO VOCÊ ESTAN?

**JACK** – ESTAMOS BEM

**PITOCO** – E VOCÊ COMO ESTÁ ? EU ESTOU BEM, QUERO SER MOSQUETEIRO

**PETECO** - NÓS EMCINAREMOS VOCÊ. A PRIMEIRA PROVA SERA VOCE APRENDERA A USAR UMA ESPADA COM UM BONECO DE PALHA.

**JACK** - AS SEGUNDA PARTE DO TRENAMENTO SÃO AS POSIÇÃO DE ATAQUE E DEFESA

**MAIK** - NOS COMTAREMO UM POUCO DO NOSSO PASSADO. NÓS ÉRAMO CAPANGA DO FEITICEIRO, NO DIA CEGUINTE O FEITICEIRO CEQUESTROU DARTANHAM O APRENDIZ O FEITICEIRO O COLOCOU EM UMA GAIOLA.

**JACK** - OS MOSQUETEIROS FORAM SALVAR MAS NA HORA QUE ELES ABRIRAM A PORTA DA GAIOLA O CAPANGAS DO FEITICEIRO APARECERAM E CAPITURARAM O MOSQUETEIRO E O APRENDIS CONSEGUIL FUGIR E LEMBROU DOS ENSINAMENTOS QUE OS MOSQUETEIROS ENSINARAM A ELE E FEZ UM PLANO PARA SALVAR OS MOSQUETEIROS, O PLANO DELE DEU SERTO QUANDO ELES ESTAVAM BEM LONGE DOS MOSQUETEITROS FALARAM \_ VOCÊ SE TORNOU UM VERDADEIRO MOSQUETEIRO AGORA NÓS SOMOS 4 MOSQUETEIROS E ASSIM ACABA-SE A NOSSA HISTÓRIA.

**PRISCILA**

**ELAINE – PALHAÇA ELIZA**

**JESSICA**

**DAYANE**

### **AS 3 IRMÃS SONHADORAS E A PALHAÇA ELIZA**

**D** – OI, MEU NOME É DAYANE

**J** – O MEU NOME É JESSICA

**P** – E O MEU NOME É PRISCILA. VAMOS MOSTRAR O NOSSO TALENTO NAS RUAS ?

**J** – ISSO É UMA BOA IDÉIA

**D** – VAMOS, VAMOS NÃO PODEMOS PERDER TEMPO  
**P** – VAMOS CANTAR NAS CALÇADAS DA CIDADE  
**J** – VAMOS COMEÇAR LOGO A CANTAR!  
**D** – NOSSA QUE MULTIDÃO !  
**P** – ESTOU MORRENDO DE MEDO DE ERAR.  
**J** – NOSSA ATÉ PALHAÇA TEM NO MEIO DESSE POVO!  
**D** - QUE EU SAIBA ESTA PALHAÇA TEM PROGRAMA NA TV!  
**P** – DEJA TUDO ISSO PRA LÁ, VAMOS LOGO COMEÇAR A CANTAR!  
**E** – VOCÊS QUEREM PARTICIPAR DO MEU PROGRAMA?  
**P** – CLARO, QUEREMOS SIM IR AO SEU PROGRAMA  
**J** – IR AO SEU PROGRAMA SERÁ UM GRANDE PRAZER  
**E** – VAMOS LOGO NÃO PODEMOS PERDER TEMPO!  
**D** – É CLARO TEMOS QUE ENSANHAR BASTANTE PARA Não ERAR NO DIA DO SHOW  
**P** – NOSSA JÉSSICA COMO VOCÊ ESTÁ TREMENDO!  
**J** – É QUE ESTOU COM VERGONHA.  
**E** – AGORA COM VOCÊ O GRUPO DJP.  
MÚSICA – MEU SONHO DE CRIANÇA  
**P** – MEU SONHO DE CRIANÇA ERA SER CANTORA Á Á, AGORA QUE REALIZEI NÃO POSSO PEDIR BIS MEU SONHO FOI ASSIM.  
**J** – APARECEU UMA PALHAÇA QUE NOS AJUDOU A REALIZAR O NOSSO SONHO DE SER CANTORA SOMOS ALEGRE ASSIM  
**D** – AGORA PEDIMOS BIS, BIS, BIS AGORA SOU FELIZ ASSIM PEDINDO OBRIGADO PARA AS PESSOAS QUE NOS AJUDARAM A SER FELIZ ASSIM, PEDINDO BIS Á Á BIS.

**JANAINA – SHEILA**

**DANIELA – SHELDA**

**ANDRÉ LUIZ – CARLOS**

**ELIZÂNGELA – VERONICA**

**AS PATRICINHAS DE NOVA YORK**

**SHELDA** – SHEILA E VERONICA, QUE TAL NÓS FORMOS A PRAIA, PARA VER SE PINTA ALGUM GAROTO NOVO.

**VERONICA** – SE A SHEILA TOPAR, EU VOU.

- VOCÊ VAI SHEILA?

**SHEILA** – EU VOU VERONICA.

**SHELDA** – QUE DIA NÓS VAMOS GENTE?

**VERONICA** – QUE TAL NO SÁBADO?

**SHEILA** – TUDO BEM, VOCÊ TOPA SHELDA?

**SHELDA** – CLARO.

**VERONICA** – VAMOS DORMIR, PARA AMANHA IRMOS PARA A PRAIA.

**SHEILA** – ESTÃO PRONTAS GAROTAS?

**SHELDA E VERONICA** – NÓS ESTAMOS PONDO O BIQUINE.

**SHEILA** – ANDA LODO.

**SHELDA E VERONICA** – VAMOS.

**VERONICA** – CHEGAMOS, GAROTAS.

**SHELDA** – UFA!

**SHEILA** – BELEZA! NOSSA QUE GAROTO GOSTOSO.

**VERÔNICA** – NOSSA EU VOU DISMANHAR.

**SHELDA** – NOSSA!

**CARLOS** – OI, GAROTAS?

**TODAS AS GAROTAS** – OI, OI, OI

**CARLOS** – VAMOS NADAR?

**SHELDA** – CLARO.

**SHEILA E VERONICA** – PODE IR, NÓS VAMOS FICAR AQUI.

**CARLOS E SHELDA** – CHEGAMOS!

**SHEILA E VERÔNICA** – ESTAVA BOM?

**SHELDA** – ÓTIMO.

**CARLOS** – NÓS FOMOS ATÉ UMA ILHA TOMAR AGUA DE COCO.

**SHEILA** – UH!

**VERONICA** – NÓS ESTAVAMOS PEGANDO UM SOL, EU E SHEILA.

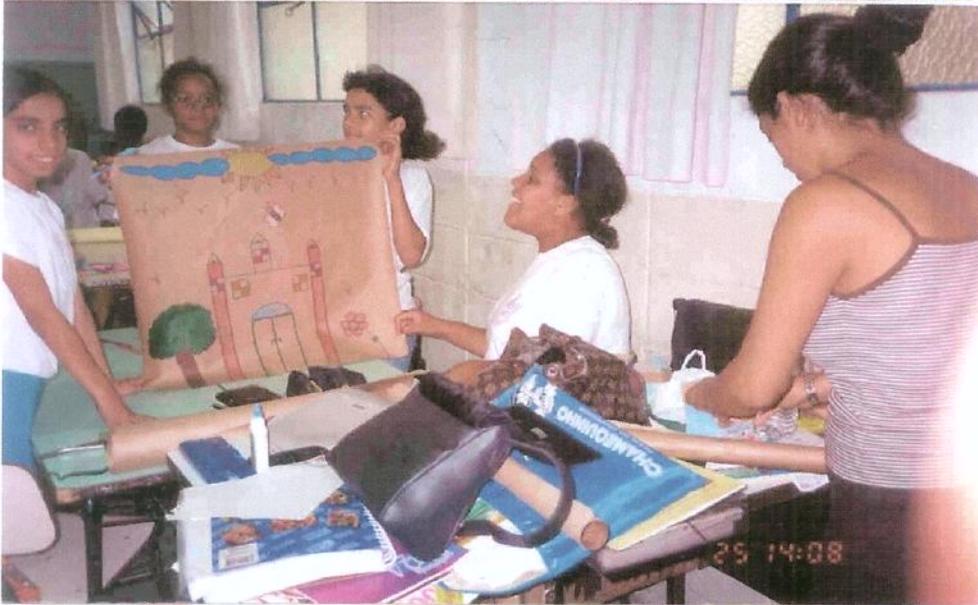
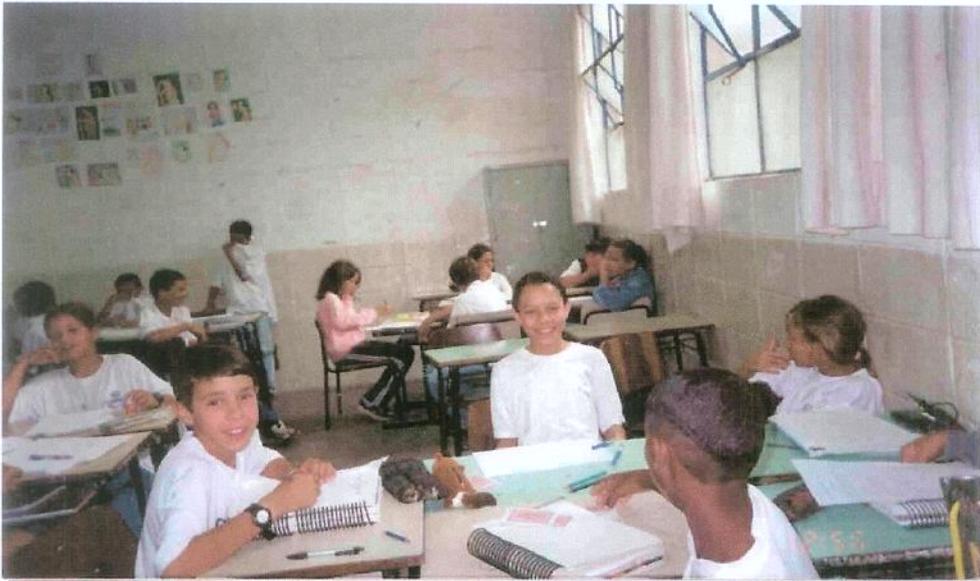
**CARLOS** – TENHO QUE IR, THAU

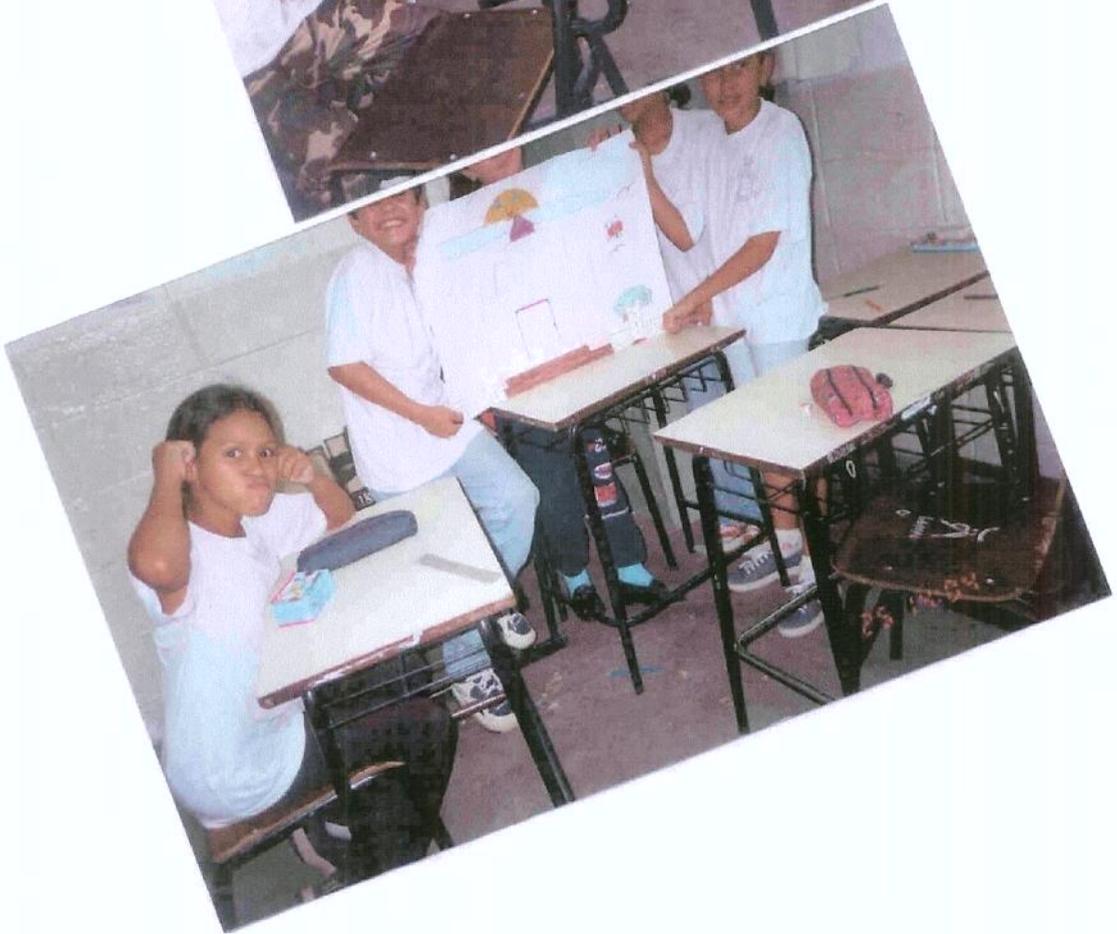
TODAS THAU

**SHEILA** – CHEGAMOS EM CASA...

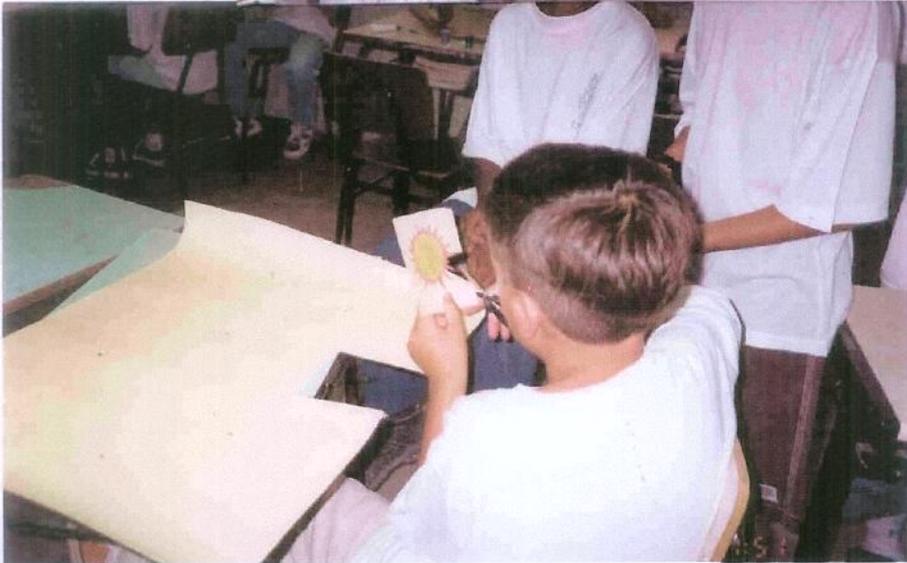
**SHELDA** – VAMOS, JÁ ESTÁ TARDE

## **ALGUMAS FOTOGRAFIAS DO TRABALHO COM O TEATRO DE BONECOS**









**6.2 - HISTÓRIAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS DA TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA EMPG PROF.ª CLOTILDE BARRAQUETE.**

**LASARO - MARCO TULIO**

**JOSUÍNO - ELDER**

**MIUTOM - MARCELO**

**BENEDITO - THIAGO A.**

**JENUARIO - GUILHERME**

**NOSSOS AVÔS E UM PAI**

**LAZARO** - EU NÃO TINHA TEMPO PARA NADA SÓ PARA TRABALHAR

**JOSUÍNO** - EU JOSUÍNO JÁ TRABALHAVA NA ROÇA E ERA MUITO CANSATIVO

**PAI MIUTOM** - EU MILTOM TRABALHAVA MUITO E CHEGAVA EM CASA MUITO TARDE

**BENEDITO** - EU BENEDITO SOU CAMINHONEIRO MEU TRABALHO É MUITO CANSATIVO.

**JOSUINO** - TODOS QUEREM SAIR?

**TODOS** - VAMOS ENTÃO!

**JENUARIO** - PODEMOS MARCAR PARA UM SÁBADO

**TODOS** - TÁ BOM!

**NARRADOR** - OS DIAS SE PASSARAM E CHEGOU SÁBADO O DIA DO ENCONTRO **JENUÁRIO** - ONDE NÓS VAMOS?

**LAZARO** - VAMOS COMER NO RESTAURANTE!

**JOSUINO** - O QUE VOCÊS VÃO QUERER COMER?

**TODOS** - O QUE TIVER!

**LASARO** - DEPOIS FOMOS EMBORA. FICAMOS SABENDO UNS DOS OUTROS

**MIUTON** - ENTÃO FICAMOS INDO UM NA CASA DOS OUTROS.

**BENEDITO** - ATÉ QUE NOSSOS FILHOS NASCERAM E TIVEMOS NETOS.

**PAI MILTON** - MAS HOJE CONTAMOS AO NOSSOS FILHOS UM POUCO DOS AVÓS.

**JANAINA - AMIGA DE ISAURA**

**DENISE - BABÁ MARIA**

**ALINE - MARIA ( VÓ )**

**STEPHANIE - EDITE ( MÃE )**

**TAIS - TRESA ( FILHA )**

**MARIA - ERA UMA VEZ 5 AMIGAS VELHINHAS, VELHINHAS.**

**TEREZA - VOVÓ DO QUE ELA TRABALHAVAM**

**MARIA - ELAS TRABALHAVAM NA ROÇA**

**TEREZA - O QUE ELAS FAZIAM NA ROÇA?**

**MARIA - LA NA ROÇA ELAS COLHIAM E CARPINTAVAM E PLANTAVAM**

**TEREZA - VOVÓ DO QUE ELAS BRINCAVAM QUANDO ERAM CRIANÇAS**

**MARIA - ELAS GOSTAVAM DE BRINCAR DE BRINCADEIRAS QUE NÃO TINHA BRINQUEDOS**

**TEREZA - VOVÓ QUAL O NOME DELAS?**

**MARIA - O NOME DELAS ERA MARIA, EDITE, TEREZA, ISAURA E MARIA**

**MARIA - FILHA ESTÁ NA HORA DO ALMOÇO**

**TEREZA - JÁ ESTOU INDO MAMÃE**

**EDITE - MAMÃE EU PRECISO CONVERSAR COM A SENHORA**

**MARIA - FALA FILHA**

**EDITE - MAMÃE EU PRECISO DE UMA BABÁ PARA A TEREZA**

**MARIA - EU CONHEÇO UMA AMIGA QUE PODE CUIDAR DA TEREZA**

**EDITE - LIGA PARA ELA MAMÃE**

**MARIA - ESTÁ BEM**

**EDITE - DEIXE QUE EU ATENDO. TEREZA CHEGOU SUA BABA**

**ISAURA - MARIA CADE A TEREZA ?**

**MARIA - CHEGOU SUA AMIGA**

**MARIA - A TEREZA ESTÁ NO QUARTO**

**ISAURA - OBRIGADA MARIA ESTOU INDO LÁ. OI TEREZA**

**TEREZA - OI ISAURA.**

**ISAURA - VAMOS BRINCAR**

**TEREZA - VAMOS**

**MARIA - TEREZA HORA DE TOMAR BANHO**

**TEREZA - JÁ ESTOU INDO**

**ISAURA** - TCHAU TEREZA

**TEREZA** - TCHAU ISAURA

**MARIA** - TEREZA VOCÊ JÁ TOMOU BANHO

**TEREZA** - VEM DÁ BANHO EM MIM

**MARIA** - ABRE A PORTA! ( BATEM NA PORTA ) JÁ ESTOU INDO. OI SUA FILHA SE COMPORTA MUITO BEM. TCHAU TEREZA

**TEREZA** - TCHAU BABA ATÉ AMANHÃ.

**RAIANY**

**VANESSA**

**DEICI** - OLÁ PESSOAL! VOU CONTAR UM POUQUINHO DA MINHA VIDA. EU COMECEI A TRABALHAR COM 4 ANOS DE IDADE, CONHECIA ALMIRA, E ANA BENEDITA. TODO DIA QUANDO NÓS TERMINÁVAMOS DE TRABALHAR NÓS SEMPRE BRINCÁVAMOS ESCONDIDAS DAS MÃES, DE BONECA DE MILHO. NÓS ACABAMOS SEPARADAS PORQUE AS NOSSAS MÃES FORAM EMBORA. EU PAREI DE TRABALHAR COM 19 ANOS, CASEI COM 20 E TIVE 2 FILHOS COM 23 ANOS.

**ALMIRA** - OI PESSOAL! VOU CONTAR UM POUQUINHO DA MINHA VIDA! EU COMECEI A TRABALHAR COM 9 ANOS NA ROÇA E EU TRABALHAVA O DIA INTEIRO E FICAVA CANSADA. E EU FIU FICANDO VELHA, PAREI DE TRABALHAR COM 20 ANOS PORQUE EU TINHA QUE CASAR E MEU HOMEM CHAMAVA-SE PEDRO. LÁ NA ROÇA MEU MARIDO CONSTRUIU UMA CASA PARA NOS DOIS MORAR. E NÓS TÍNHAMOS 10 FILHOS, FILHA UMA É LEONE OUTRA MEIRE, JUSSELINA, VALDIQUE, EDILÇO E VALDEMIR E ASSIM ACABOU MINHA HISTÓRIA

**DEUCI** - OLÁ ALMIRA !

**ALMIRA** - OLÁ DEUCI!

**DEUCI** - AONDE VOCÊ MORA?

**ALMIRA** - A EU MORO NA RUA 15, VOCÊ NÃO QUE TOMAR UM CAFÉ?

**DEUCI - A TÁ BOM**

**ALMIRA - VOCÊ SABE FAZER BONECA DE PANO?**

**DEUCI - EU ACHO QUE SIM**

**ALMIRA- PORQUE QUANDO MEUS NETOS ERAM PEQUENOS EU FAZIA MUITAS**

**DEUCI - VOCÊ PODERIA ME ENSINAR UM POUQUINHO?**

**ALMIRA - ESTÁ BEM. PEGA UNS PEDAÇOS DE RETALHOS E EMENDA NA MÁQUINA DE COSTURA, BOM E COLA NA CABEÇA DA BONECA E DEPOIS COLOCA ALGODÃO PARA FICAR FOFINHO, DEPOIS FAZ A MÃO.**

**DEUCI - A! EU VOU PARA CASA TENTAR FAZER. TCHAU ALMIRA!**

### **6.3 - ALGUNS JOGOS E BRINCADEIRAS TRABALHADOS COM OS ALUNOS DA TERCEIRA SÉRIE DA ESCOLA EMPG PROF.<sup>a</sup> CLOTILDE BARRAQUETE**

#### **Brincadeira com bola**

Formar uma roda

- 1° Um jogando a bola para o outro, aleatoriamente;
- 2° Um jogando a bola para o outro. A pessoa que recebe a bola fala o seu nome;
- 3° Uma pessoa no centro da roda jogando a bola para cada integrante da roda, olhando nos olhos das pessoas que recebem a bola.

#### **Trabalhando a criatividade**

Formar grupos com 5 integrantes

Apresentar aos alunos várias figuras. Pedimos para que criassem movimentos a partir de uma figura escolhida pelo aluno. Apresentação para os outros alunos. Cada grupo apresentando os movimentos criados.

#### **Descobrimo o espaço**

- 1° Pedimos para que os alunos andassem pelo espaço, ocupando todos os cantos da sala;
- 2° Pedimos para que os alunos andassem pelo espaço, de alguma forma diferente, ocupando todos os cantos da sala;

#### **Brincadeira do líder**

Forma-se uma roda, uma pessoa é escolhida a sair da sala. Escolhe-se um líder para comandar movimentos enquanto as outras imitam, chama-se a pessoa que está para fora da sala para que descubra quem é o líder. Após descoberto, o líder é quem sai da sala para a continuidade da brincadeira.

### **Completando o movimento**

Forma-se uma fila. A primeira pessoa da fila vai à frente da sala e começa a fazer um movimento repetidamente. A próxima pessoa da fila tem de complementar esse movimento, e assim por diante.

### **Descobrimo o espaço com brincadeiras**

Andando pelo espaço até um comando a ser dado ( batida de um pandeiro, por exemplo )

A pessoa quem fica para dar o comando pede uma tarefa a cada batida de pandeiro, ex.: Estátua. Após a batida, novamente do pandeiro, voltam a andar pelo espaço. Nova batida, nova tarefa : sentados.

Outras tarefas : em dupla, em três com braço colado, em dupla agachados etc.

### **Descobrimo o espaço com brincadeiras e músicas**

Andando pelo espaço cantando alguma música estabelecida pelo grupo, cantigas de roda, por exemplo. Pedir para imagina que estão dentro de uma bola, andando ainda pelo espaço e cantando. Pedir para imitar movimentos de animais passeando pelo espaço.

### **Brincadeira do detetive**

No grupo terá que ter um detetive, um ladrão e as vítimas. Todos serão escolhidos por sorteio, não revelando a ninguém os respectivos personagens. Todos andando pela sala, a pessoa que tirou o papel escrito ladrão terá que derrubar as vítimas com uma piscada. A Vítima que receber uma piscada tem que cair e ficar deitada no chão. O detetive terá que descobrir quem é o ladrão.

## **Costurando o espaço**

Pedimos para que os alunos andem pelo espaço. Quando percebemos que estão bem espalhados, pedimos para que parem. Damos uma lâ para uma pessoa, ela ficará com a ponta da lâ e jogará o novelo para outra pessoa, esta que irá segurar a linha e jogar o novelo para outro. Após todos estarem com a lâ terão que refazer o novelo percorrendo o caminho inverso.

## **Trabalhando com música**

- 1° Elaborar alguns movimentos com música e passar ao alunos;
- 2° Pedir para que elaborem seus próprios movimentos ;
- 3° Pedir para que formem 3 filas. A pessoa da frente da fila começa a se deslocar com algum movimento, os outros da fila seguem o movimento. Conforme a música vai sendo trocada, o primeiro que conduz o movimento, vai para o final da fila. Agora o primeiro da fila conduz o movimento, e assim por diante.

## **Desenhando e montando Histórias**

- 1° Colocamos uma música, pedimos para que cada aluno fizesse um desenho;
- 2° Pedimos para que os alunos se colocassem em roda, mostrando os desenhos;
- 3° Escolhemos alunos para a formação de três grupos. Cada grupo teve um tempo para a formação de uma história, com base nos desenhos que fizeram. Tiveram que "amarrar" todos os desenhos em uma única história;
- 4° Após a montagem da história, cada grupo contou-a para os alunos da sala;
- 5° Cada grupo contou a história através do corpo, sem o uso da fala.